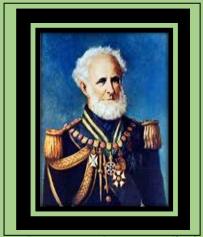
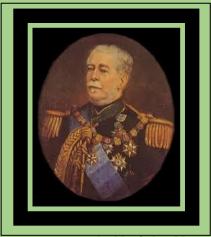


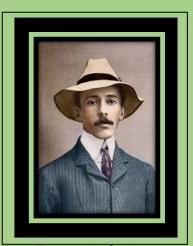
OS PATRONOS NAS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL



Veterano Cel Eng e de Estado Maior Claudio Moreira Bento, Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista







Da esquerda para a direita os patronos da Marinha Marques de Tamandaré, do Exército Duque de Caxias e da Aeronáutica Santos Dumont.
O presente livro digital contém os demais patronos na Marinha, Exército e Aeronáutica

Livro Digital 52 páginas *Editado por Camila Karen C. S. Renê*

No Bicentenário da Independencia do Brasil em 2022

SUMÁRIO

PRINCIPAIS FONTES CONSULTADAS	
3	
A.Trabalhos genéricos	
B.Trabalhos do autor sobre patronos	
Sobre o Duque de Caxias	
Sobre o Brigadeiro Sampaio	
Sobre o Marechal Rmílio Mallet	
Sobre Villagran Cabrita	
Sobre Antônio João	
Sobre o Tenente General Napion	
OS PATRONOS NO EXÉRCITO	
O Patrono do Exército	b
O Patrono da Infantaria	
O Patrono da Cavalaria	
PATRONOS DAS ARMAS DE APOIO	
O Patrono da Artilharia – A Arma do Apoio de Fogo	
O Patrono da Engenharia – A Arma do Apoio ao Movimento	
PATRONOS DA INTENDÊNCIA E DO MATERIAL BÉLICO	
O Patrono do Serviço de Intendência	
PATRONOS DA SAÚDE, VETERINÁRIA E SERVIÇO DE ASSIS	
RELIGIOSA	
O Patrono do Serviço de Saúde	
O Patrono do Serviço de Veterinária	
O Patrono do Serviço de Assistência Religiosa	
OUTROS PATRONOS NO EXÉRCITO	22
O Patrono do Magistério	
Patrono dos Engenheiros Militares	23
O Patrono do Quadro Auxiliar	
Patrono do Quadro Suplementar do Exército	
O Patrono dos CPOR e NPOR	
OS PATRONOS NA MARINHA	
O Patrono da Marinha	
Outros Patronos da Marinha	
O Patrono do Serviço de Saúde	
O Patrono dos Quadros de Oficiais Auxiliares	
O Patrono da Artilharia Naval	
O Patrono das bandas de Música e Marcial da Marinha	
O Patrono da Aeronáutica	33
O Patrono da Força Aérea Brasileira – FAB	35
PATRONOS DA INTENDENCIA E DA SAÚDE NA AERONÁUTICA	
Patrono da Intendência	
O Patrono do Serviço de Saúde na Aeronáutica	39
OUTROS PATRONOS DA AERONÁUTICA	
O Patrono do Correio Aéreo Nacional	
O Patrono da Aviação de Caca	
O Patrono da Aviação de Caça O Patrono da Indústria Aeronáutica Brasileira	44 46
LIVROS DO AUTOR SOBRE PATRONOS	
	+0

PRINCIPAIS FONTES CONSULTADAS

A. Trabalhos genéricos

- 1. ALVES, J.V. Portella Ferreira. **Mallet O Patrono da Artilharia**. Rio, Bibliex, 1975.
- 2. ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO (Fés-de-Ofício) relativas a patronos militares no Exército e na Aeronáutica.
- 3. BARROSO, Gustavo. **Tamandaré O Nelson Brasileiro**. Rio, Cia. Ed. FonFon e Seleta, 1956.
- 4. CARVALHO, Afonso de, Caxias. Rio, BIBLIEx 1942.
- 5. INCAER. Marechal-do-Ar Eduardo Gomes Patrono da Aeronáutica. Rio, 1987.
- 6. INCAER. Ten-Brig Nelson Freire Lavenére-Wanderley Patrono do CAN. Rio, 1987.
- 7. INCAER. Marechal-do-Ar Alberto Santos-Dumont Patrono da Aeronáutica. Rio, 1987.
- 8. INCAER (Trabalhos sobre os Patronos Soares Godinho, Granja e Assis Chateaubriand).
- 9. LIMA, Mauro Lopes. O Infante Imortal. São Paulo, Gráf. Urupes, 1966.
- 10. MAGALHÄES J.B. **Osório Síntese de seu perfil histórico**. Rio, Bibliex, 1978.
- 11. MELLO, Raul Silveira. A epopéia de Antonio João. Rio, Bibliex, 1969.
- 12.____, **Forte de Coimbra**. Rio, Bibliex, 1961 (subsídios sobre Ricardo Franco).
- 13. NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO C Com Ex Diversas matérias sobre os patronos no Exército.
- 14. OSÓRIO, Fernando Luiz. Osório. Rio, Tip. Leuzinger, 1884.
- 15. PALHARES, Gentil, ten. **Frei Orlando O Capelão que não voltou**. Rio, Bibliex, 1982.

- 16. PIMENTEL, Valdemiro, Gen. Ten Cel Muniz de Aragão. Rio, 1942.
- 17. PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo, Gen. Ten Gen Carlos Antônio Napion in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nº 62, 1971.
- 18. PEIXOTO, Paulo Mattos. **Caxias Nume Tutelar da Nacionalidade**. São Paulo, Edição, 1973.
- 19. PILLAR, Olyntho. **Patrono das Forças Armadas**. Rio, Bibliex, 1966. (Muito boa fonte sobre a maior parte dos patronos no Exército).
- 20. SCAVARDA, Levy, **Maestro Francisco Braga**. Rio. SV Doc Ger Marinha, 1968.
- 21. SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA. Estudos sobre os patronos Altes Tamandaré, Soares Meirelles, Prado Maia e Francisco Braga.
- 22. SILVA, Alberto Martins da, Gen. **General João Severiano da Fonseca.** Rio, Bibliex, 1990.
- 23. SIQUEIRA, Deoclécio Lima, Brig Ar. **Caminhada com Eduardo Gomes**. Rio, Novas Direções, 1989. led.
- 24.TAVARES, Aurélio de Lyra, Gen. Vilagran Cabrita e a Engenharia de seu tempo. Rio, Bibliex, 1981.
- 25. VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida**. Rio, Coop. dos Esperantistas, 1969.
- 26- BENTO, Claudio Moreira Bento. **Duque de Caxias o patrOno do Exército Brasileiro.** Rio ;BIBLIEx, 2022

B. Trabalhos do autor sobre patronos

Sobre o Duque de Caxias

1.	BENTO,	Cláudio	Moreira,	Cel.	Significa	ação	Histo	órica	do	Duqu	ıe	de
	Caxias.R	evista do	Clube_I	Milita <u>r</u>	mai/jun	1980	, pp	4-19	(Ind	dica v	alio	osa
	bibliograf	ia em ord	em cronol	ógica (e 24 ilust	traçõe	s).					

2.	Fontes da Cultura	da	Caxias	em	Arte	da	guerra.	RIHGB_v.	328,
	jun/set 1980, p. 121-131.								

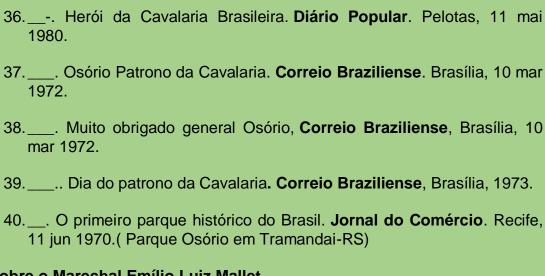
3.		Centenário	da	morte	de	Caxias RIHGB _v.	338,	jan/mar	1983,
	p.185	-196.							

4 O es	padim de	Caxias dos	cadetes do	Exército,	RIHGB v.	326
--------	----------	------------	------------	-----------	----------	-----

	jan/mar 1980 p.99-105.
5.	Guerra do Paraguai um laboratório de doutrina militar pouco explorado. RIHGB , v. 335, abr/jun 1982, p. 117-128.
6.	Caxias e o uso militar da aerostatos. Defesa Nacional , nº 666, mar/abr.1976, p. 155-197.
7.	Condecorações do Duque de Caxias. Revista Agulhas Negras. Resende, AMAN, 1979.
	Caxias soldado de Infantaria. Revista Infantaria , AMAM, nº 16, jun 1980.
9.	A recuperação do solar de Caxias. Letras em Marcha, 157, out 1984, p.6.
	O local da morte de Caxias. Letras em Marcha_ , nº 97, nov 1979, p.11.
11.	Peças ligadas ao Duque de Caxias. Mensário do Arquivo Nacional , nº 124, abr 1980, p. 28.
12.	Duque de Caxias herói da Independência. Correio Brasiliense . Brasília, 25 ago 1972.
13.	Caxias na pacificação da Questão Religiosa. Jornal do Comércio . Recife, 4 jul 1971.
	Caxias e a órfã de guerra do Paraguai. Jornal do Comércio , Recife, 5 out 1971.
	Caxias pioneiro abolicionista . Estado de São Paulo , São Paulo, 22 jun 1988.
16.	O Exército e a Abolição. Do Leitura. São Paulo 7 (73) jun 1988 (parcial).
17.	O Exército e a Abolição. A defesa Nacional , 743 mar/jun 1985 p. 109-158.
18.	O Duque de Caxias ea manipulação da História. Letras em Marcha ago 1990.
19.	Revolução Farroupilha – Ação pacificadora de Caxias. A Defesa Nacional nº 723, jan/fev 1986 pp. 90-106.
20.	A Cavalaria do passado no conceito de Caxias. Letras em Marcha nº 43, mai 1975.

1971. 22.___. Caxias projeção histórica. O Liberal Santa Vitória do Palmar. Sobre o Brigadeiro Sampaio 23. BENTO, Claudio Moreira.. Tradição e Disciplina. Fortaleza, UFCE, 1971. 24. ___. Um sertanejo que foi um dos maiores generais do Brasil. A Defesa Nacional_nº 38, jul/ago 1971, pp. 83-90 e Revista Itayterá nº 15, 1971 (Crato-CE). 25.___..A Divisão Encoraçada na guerra do Paraguai. **Revista Infantaria** nº 15, ago 1975, pp. 17-21. História da doutrina da Infantaria Brasileira. Revista Infantaria nº 13, dez 1978, pp. 3-6. 27.___. O patrono da Infantaria e Canguçu.-RS Diário Popular. Pelotas, 14 fev. 1971. Sampaio patrono da Infantaria. Correio Brasiliense. Brasília, 24 mar 1972. 29.___. Ceará homenageia Sampaio. Correio Brasiliense. Brasília, 28 jun 1983. 30.___. A Grande Festa dos Lanceiros. Recife, UFPE, 1971 (História do Parque Osório). 31.___. Osório pensamento militar. A Defesa Nacional nº 684, jul/ago 1979 p. 101-168 (Indica bibliografia sobre Osório) Idem Revista do Clube Militar, 1980 e Revista Cavalaria 1980. 32.___. O general Osório e a Logística. Revista Lógica nº 1, 1980 (Curso Intendência AMAN). 33. .. O perfil militar de Osório, **Letras em Marcha** nº 56, out 1979 p. 8 e Diário Popular, Pelotas, 4 out 1979 e Correio do Sul, Bagé, 4 out 1979. 34.___. Centenário de falecimento de Osório. Jornal Tradição. Porto Alegre, 1979. 35. ___. Osório um ídolo popular do passado. Diário Popular, Pelotas, 5 jul 1970 e Diário de Notícias, Salvador, 15 jul 1970.

21.___. Caxias e as Relações Públicas, Diário Popular, Pelotas, 7 set



Sobre o Marechal Emílio Luiz Mallet

- 41. (BENTO, Claudio Moreira. A guarnição de Recife a 100 anos e o seu comandante. A Defesa Nacional. nº 641, jan/fev 1972 p. 135 e Diário de Pernambuco. 15 jun 1971.
- . Mallet o Artilheiro Símbolo do Brasil. A Defesa Nacional. set/out 1975, pp. 124-132.
- 43.___. Mallet Patrono da Artilharia. **Correio Braziliense**. Brasília, 11 jun 1972 e no Jornal do Comércio. Recife, 10 jun 1972.
- 44. . Emílio Luiz Mallet in: Estrangeiros e descendente na História Militar do RGS. Palegre, IEL, 1975.

Sobre Villagran Cabrita

- 45. BENTO Claudio Moreira. Voluntários da Pátria paulistas lutam na Ilha de Redenção. Diário de São Paulo, São Paulo, 10 abr 1974.
- 46.___.. Villagran o herói da Ilha de Redenção. Correio Braziliense, 10 abr 1977 e **Diário de Brasília** 10 bril 1077

Sobre Antônio João

47. (). O martírio de Antônio João em defesa da integridade do Brasil. **Sul** de Minas. Itajubá, 25 dez 1985 e Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 6 jan 1985.

Sobre o Tenente General Napion

48 BENTO, Claudio Moreira O Tenente General Napion – Patrono do Material Bélico. O Patolino. AMAN, 1979. Informativo do Curso de MateriaL Bélico

OS PATRONOS NO EXÉRCITO O Patrono do Exército



O Marechal-de-Exército Luiz Alves de Lima e Silva e *Duque de Caxias*, foi consagrado, de direito, por Dec. 51929 de 13 mar 1962, como o Patrono do Exército Brasileiro, onde ele se forjou e de cujo seio emergiu no cenário nacional, como um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Caxias prestou à Pátria mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços, como político e administrador de contingência e inegualados, como soldado de vocação e tradição a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania brasileiras.

Ainda em vida e até nossos dias, o povo, a imprensa, chefes, escritores, pensadores e historiadores têm procurado defini-lo entre outros com os seguintes títulos: "Filho querido da vitória; Pacificador; General invicto; Condestável, escora e espada do Império; A maior espada do Brasil; o Wellington Brasileiro; Duque de Ferro e da Vitória; o Escravo da Pátria; Nume ou Espírito Tutelar; Símbolo da Nacionalidade e, Maior Soldado do Brasil".

Por sua monumental obra pacificadora de quatro lutas internas e, modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na guerra Tríplice Aliança contra o Paraguai 1865-70, figura, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Mundial.

Sua escolha como patrono deveu-se ao fato de haver vencido todas as seis campanhas que participou das quais, as campanhas internas pacificadoras da Balaiada, no Maranhão em 1841; de São Paulo e Minas Gerais, em 1842 e a Revolução Farroupilha de 1842-45 e, as externas das guerras contra Oribe e Rosas 1851-52 e da Tríplice Aliança contra o Paraguai de 1866-69, além de haver dirigido o Exército, de forma fecunda e marcante, como Ministro da Guerra, por três períodos 1855-58; 1861-62 e 1875-78, dos quais os dois últimos como Chefe de Estado, na qualidade de Presidente do Conselho de Ministros do Império.

Caxias possuía muito orgulho nativista de ser veterano condecorado da guerra da Independência na Bahia. Sonhava com uma Doutrina Militar genuína para o Exército Brasileiro. Sonho manifestado ao adaptar a Doutrina do Exército de Portugal ao nosso, em 1861, com apoio na experiência que havia colhido em 5

campanhas que até então havia vencido. Doutrina com a qual o Exército Brasileiro lutou e venceu no Paraguai.

Como Ministro da Guerra suas grandes realizações foram as construções da Escola Militar da Praia Vermelha e a do Quartel Central do Exército no Campo de Santana.

Como cidadão brasileiro seu ponto culminante foi pacificar a família brasileira, em Ponche Verde, em 1º mar 1845, o que não só pois fim à Revolução Farroupilha, como ao ciclo de lutas fratricidas que duraram quase 14 anos e iniciadas com sérios desencontros da Sociedade Brasileira, após a Abdicação de D. Pedro I.

Como líder de batalha seu grande efeito estratégico foi a manobra de Flanco de Piquiciri, através do Chaco, onde correu um risco calculado, ao sacrificar o princípio de guerra da Segurança, em benefício do princípio da Surpresa, a qual obteve em nível estratégico, ao desembarcar na retaguarda profunda do exército adversário, em Santo Antônio, abreviando, em muito, a duração do conflito e com isto poupando recursos de toda a ordem.

Como líder de combate seu grande momento foi em Itororó quando ao perceber que o Exército poderia ali ser detido, desembainhou a sua já invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para o Exército detido e comandou com energia:

"Sigam-me os que foram brasileiros!"

Ato contínuo lançou-se sobre a ponte com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo, arrastando eletrizado todo o Exército atrás de si, para, em seguida, colher expressiva vitória.

Caxias nasceu em 25 ago 1803 na Fazenda Taguaruçu, em Caxias-RJ, local hoje transformado em Parque Histórico Duque de Caxias.

Faleceu em 07 mar 1870, na Fazenda de Santa Mônica, em Valença, restaurada pelo Exército e que hoje se constitui em dependência do Museu Histórico do Exército.

Segundo sua vontade, seu corpo foi transportado ao cemitério por soldados de bom comportamento, onde falou em nome do Exército o Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim procurou definir o grande morto:

"Só a maior concisão unida a maior singeleza é que poderá contar seus feitos. Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloqüências capazes de fazer maior sua individualidade, cujo principal atributo foi a sua simplicidade na grandeza."

O historiador Capistrano de Abreu escreveu então: "Caxias dispensou as honras militares. Fez bem !As armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, teriam vergonha talvez de não terem podido libertá-lo da morte.

Os restos mortais de Caxias e de sua esposa encontram-se no Panteon defronte ao Palácio Duque de Caxias e sua invicta espada de 6 campanhas, da qual os espadins dos cadetes do Exército são cópia fiel em escala, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do qual foi sócio.

Caxias sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Solidariedade.

Em se tratando de um trabalho sobre vultos das Forças Armadas, não se pode esquecer o pioneirismo de Caxias em nossa Aeronáutica, ao mandar vir dos EUA balões cativos para proceder reconhecimentos das posições inimigas que se antepunham ao seu avanço de Tuiuti, até a Fortaleza de Humaitá, reconhecimentos aéreos eficazes que contribuíram para a conquista daquela poderosa fortaleza, objetivo militar aliado, em função de uma manobra de duplo envolvimento realizada pela Marinha, pelo Rio Paraguai e pelo Exército, por terra.

O altar portátil usado por Caxias para assistir missas em campanha, como católico de fé robusta que era, encontra-se no Mosteiro de Santo Antônio, no Largo de Carioca.

PATRONOS DAS ARMAS BASE DO EXÉRCITO

O Patrono da Infantaria



O brigadeiro **Antônio de Sampaio** foi consagrado, em Dec. 51429 de 13 mar 1962, patrono da Arma de Infantaria, em cujo sejo se forjou e se forjou e se destacou sobremodo como bravo e modelar líder de combate, instrutor e disciplinador da Infantaria, a frente da qual, representada pela sua 3ª Divisão de Infantaria – a Divisão Encouraçada, teve seu glorioso encontro com a glória militar em 14 mai 1866, na Batalha de Tuití, onde se constituiu em fator decisivo para a vitória, em que pese os três ferimentos recebidos que determinaram sua morte, em 6 jul 1866, a bordo do vapor "Eponina" e o fato de quatro cavalos que montava durante a resistência, a todo o custo que liderava, terem tombado por perfurações de balas e baionetas inimigas e mais o de sua heróica Divisão haver concorrido com 33% das baixas brasileiras neste dia, por haver se constituído em ponto chave da defesa. Sampaio chegou ao Rio Grande do Sul ao final da Revolução Farroupilha, onde, no comando de uma companhia de Infantaria, estacionou quase 5 anos em Canguçu, como instrumento de consolidação da Paz de Ponche Verde e próximo de Piratini e Caçapava, antigas capitais da República Rio-Grandense (1836-45).

A seguir Sampaio empenhou-se a fundo no comando sucessivo de batalhões e brigadas de Infantaria. Em pouco transformou-se num consumado condutor de homens, conhecedor profundo do terreno e mestre em adestrar e empregar a Infantaria. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) quando participou da Batalha de Monte Caseros, como integrante da Divisão Brasileira.

Comandou um Batalhão de Divisão de Observação que penetrou em Montevidéu em 7 mai 1859, a pedido do Presidente oriental Venâncio Flores. Na guerra contra Aguirre teve atuação destacada a frente de uma Divisão, na conquista de Paissandú o que lhe valeu sua promoção a brigadeiro.

Durante a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70), que fez como oficial general, teve atuação destacada até Tuití.

Sobre o seu conceito e o de sua tropa escreveu em **Reminiscências** da campanha do Paraguai, Dionízio Cerqueira o maior cronista deste conflito e que foi integrante da Divisão Encouraçada e subordinado de Sampaio:

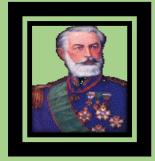
A idéia de eu passar para a Infantaria não me abandonava. Esta arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daqueles belos batalhões da Divisão Sampaio, a Encouraçada, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distâncias, marchando airosos e elegantes, ao som alegre de um dobrado vibrante, não me podia conter, e punha-me a marcar passo..."

E mais adiante. "Fui apresentar-me ao general Sampaio. O ilustre general, glória do Exército pelo valor e amor a disciplina, estava uniformizado, debaixo de uma ramada, lendo uma história de Napoleão, seu capitão predileto. Quando me viu, fechou o livro, marcando-o com o indicador da mão esquerda".

Sampaio era cearense de Tamboril, onde nasceu em 24 mai 1810. Morto heroicamente aos 56 anos, após sublimar as Virtudes Militares de Coragem, Bravura, Honra Militar e Desprendimento.

Vive ainda na memória do Brasil, na alma do Exército e sobre tudo nas melhores tradições da Infantaria Brasileira que ele ajudou a forjar. Seus restos mortais repousam em mausoléu no Cemitério São João Batista, em Fortaleza-CE.





O Marechal-de-Exército **Manoel Luiz Osório** e *Marquês de Herval*, ou simplesmente o general Osório, como foi chamado em seu tempo, foi consagrado, em Dec. 51.429 de 13 mar 1962, patrono da Arma de Cavalaria, em cujo seio se forjou e despontou como líder de combate, mais bravo, audaz, querido e carismático do Exército, ao ponto de ter sido o único a concorrer com o Duque de Caxias à consagração como Patrono do Exército.

Osório foi o comandante aliado na vitoriosa batalha de Tuiuti, em 24 mar 1866, a maior batalha campal da América do Sul, na qual, anulou a capacidade e ofensiva tática adversária, ao conduzir, pessoalmente, modelar defesa em posição. Foi tamanho o brilho de sua arte militar nesta batalha que um dos seus biógrafos assim à definiu – "Tuiuti é Osório é Tuiuti".

Osório teve especial destaque na guerra Cisplatina (1825-28) quando, como alferes, conseguiu espetacular e audazmente romper o cerco inimigo no combate de Sarandí. Seu comandante general Bento Manoel, admirado pelo feito do alferes Osório setenciou: Hei de legar-lhe, Alferes, a minha lança porque a levará mais longe, do que a levei. E esta profecia seria cumprida!

Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) a frente do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, Osório desempenhou importante papel na vitória aliada de Monte Caseros, o que lhe valeu promoção a coronel, por merecimento.

Na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870) coube-lhe comandar o Exército Brasileiro em operações contra o Paraguai, desde o Uruguai até a batalha de Tuiuti, destacando-se no comando da invasão ao Paraguai, em Passo da Pátria, quando preferiu celebrar palavras em Ordem do Dia, em 17 abr 1866: "É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostra-lhes o caminho do dever." Ele foi o primeiro a pisar do outro lado, em solo inimigo.

Osório destacou-se como líder de combate em Avaí, onde foi ferido no rosto. Prestou nesta guerra excepcionais serviços a Integridade e Soberania no Brasil, sobrepujando doenças e ferimentos.

Dele e de sua singular liderança poderia afirmar com apoio em Moro Mariante: Osório nome que foi legenda e que é glória. Foi estrela guia em negros horizontes no caminho da luta e da vitória. Formou-se na Academia Militar das Coxilhas, na Fronteira do Vai-e-Vem, entre pará tatás de centauros, pontaços de lanças, quadrados de Infantaria, troar de canhões e cargas de Cavalaria, na belicosa coreografia da Arte Militar dos Pampas.

Osório nasceu em Conceição do Arroio, atual Osório-RS, em 10 mar 1808, em local transformado em Parque Histórico com o seu nome. Faleceu no Rio de Janeiro, como Ministro da Guerra, em 4 out 1879, aos 71 anos. Seu corpo embalsamado repousava na Praça 15 no Rio de Janeiro. Hoje está em Tramandai, no Parque Osório.

Osório sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Bravura, Desprendimento, Honra Militar e Camaradagem. Foi militar excepcionalmente vocacionado, cidadão exemplar, chefe e líder amado, camarada invulgar e modelo de soldado brasileiro. Glória lhe seja pois, "ou a mais preciosa recompensa dos bravos", no seu conceito.

PATRONOS DAS ARMAS DE APOIO
O Patrono da Artilharia

– A Arma do Apoio de Fogo



O Marechal-do-Exército **Emílio Luiz Mallet** e *Barão do Itapevi* foi consagrado, por Dec. 51424 de 13 mar 1962, patrono da Arma de Artilharia, em cujo seio se forjou e se firmou com o honroso título de Artilheiro Símbolo do Brasil.

Mallet teve como ponto culminante e mais glorioso de sua carreira a frente do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, o atual Regimento Mallet, na batalha de Tuiuti de 24 mai 1866. Ali com seu regimento na vanguarda e em posição atrás de um fosso escavado com auxílio inclusive do Batalhão de Engenheiros e manobrando com rara habilidade e competência sua "Artilharia-Revólver", cumpriu sua determinação assim expressa no calor da luta: "Por aqui eles não passam". Foi o primeiro a suportar e a repelir as massas inimigas que a todo o custo pretendiam romper a posição aliada o que lhe valeu promoção a coronel por bravura.

E assim narrou com simplicidade este seu heróico feito:

"Este Regimento com 24 bocas de fogo, colocado na vanguarda sobre o centro do Exército, sustentou triunfalmente e repeliu todas as colunas do inimigo... Em poucas horas foi varrida a frente do Exército e o grande número de homens e cavalos mortos atestam a eficácia de seus fogos." Isto foi na guerra do Paraguai, que ele fez de fio a pavio, em companhia de seus três filhos, e na qual, segundo Osório, "nenhum oficial do Exército prestou mais assinalados serviços, do que o valente comandante da nossa Artilharia".

Como tenente, no comando de duas peças de Artilharia, Mallet teve atuação marcante na batalha de Passo do Rosário de 20 fev 1827. Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), como capitão, fez toda a campanha contra Oribe no comando do 1º Regimento, então tracionado por bois. Data de então a tradição da unidade chamar-se "Boi-de-botas", em razão dos bois, de tanto atravessarem lodaçais, no inverno, darem a impressão de estarem calçando botas.

Mallet nasceu em Dumquerque – França, em 10 jun 1801 e faleceu no Rio de Janeiro em 2 jan 1866, depois de 68 anos de devotamento à construção de sua nova pátria , na paz e na guerra. Seus restos mortais repousam no São Francisco Xavier – Cajú, jazigo perpétuo 4751.

Mallet sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Devotamento e Abnegação, como oficial do Exército, em todas as guerras externas do Império

do Brasil: guerra da Cisplatina (1825-28); guerra contra Oribe e Rosas (1851-52); guerra contra Aguirre (1864) e guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70).

Amargou a injustiça de demissão indevida do Exército, pela Assembléia Geral, no posto de capitão, em 1831, por ser estrangeiro, embora tivesse sido 1º cadete, privilégio de brasileiros, cursado a Academia Militar, lutado pela Independência do Brasil e se consagrado herói, em Passo do Rosário. Mas em 1831 lhe exigiram como condição de permanência um ferimento em ação. Por não possuí-lo, a injustiça se consumou.

Foi reintegrado 20 anos mais tarde, em função de requerimento que recebeu despacho favorável do Conselho Superior Militar, em 20 set 1851.

O Patrono da Engenharia

- A Arma do Apoio ao Movimento



O tenente coronel de Engenheiros **João Carlos de Vilagran Cabrita**, foi consagrado por Dec. 51.429 de 13 mar 1962, patrono da Arma de Engenharia – a arma de apoio ao Movimento, criada no Brasil em 1910, por desligamento da Arma de Artilharia que até então integrava.

Vilagran Cabrita teve seu encontro glorioso com a História, em 10 abril 1866, ao liderar o vitorioso combate de consolidação da conquista da Ilha de Redenção, no Rio Paraná, defronte do forte inimigo de Itapirú. Operação militar que se constituiu em importante e bem sucedida ação diversionária, para permitir o desembarque aliado em Passo da Pátria, 6 dias após, o que caracterizou a invasão do Paraguai no curso de guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70).

Vilagran Cabrita, então comandante do glorioso Batalhão de Engenheiros, que apoiava o 1º Corpo de Exército, ao comando de Osório, foi selecionado dentre muitos para na liderança de 900 homens de Engenharia, Infantaria e Artilharia, conquistar, fortificar e manter a todo o custo a ilha, com apoio inclusive da Marinha.

Cumpriu exemplarmente a missão recebida, com o sacrifício da própria vida. Pois, morreu quando redigia a parte da Vitória, atingindo por mortal estilhaço

de um obus disparado do forte Itapirú.

O seu belo exemplo de coragem e valor militar e mais o seu sacrifício supremo comoveram todo o Exército Brasileiro em operações.

E desde então seu nome e exemplo viraram legenda.

Até então Vilagran tivera uma vida normal como a grande maioria dos oficiais do Exército Imperial. Era zeloso do seu preparo profissional e moral. Estava preparado profissionalmente e moralmente para o seu grande encontro na Ilha da Redenção, com a História do Brasil.

Vilagran era brasileiro, nascido na então Província Cisplatina do Brasil, atual Uruguai, em 30 dez 1820.

Ignora-se o destino de seus restos mortais.

O Patrono das Comunicações – A Arma do Comando



O Marechal **Cândido Mariano Rondon**, o maior desbravador, civilizador, sertanista, bandeirante e inspetor militar de fronteiras mundiais, em terras e selvas tropicais, foi consagrado por Dec. 51.560 de 26 abr 1962, patrono da Arma de Comunicações, por haver chefiado a implantação no Brasil de 8.000 Km de linhas telegráficas, fatores de Integração, Unidade e Desenvolvimento, além de essenciais, por quase 40 anos, ao exercício da Soberania Brasileira sobre imensa faixa de fronteira e sobre os grandes vazios demográficos a ela adjacentes, na Amazônica e no Centro Oeste.

Linhas telegráficas fatores de Paz Social por levarem em sua vanguarda Rondo – O Pai Branco, de nossa população indígena, por ele redimida, valorizada,, protegida de massacres e explorações e compreendida e amada fiel a seu lema – "Matar, nunca. Morrer se preciso for."

Rondon como soldado comandou Forças em Operações contra revolucionários em 1824, no Paraná. Perguntado ao general Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, em caso de guerra qual general seu ex-aluno que indicaria para comandar o Exército – respondeu, o general Rondon.

Rondon soube bem conciliar a sua filosofia positivista - a Religião da

Humanidade, ao impor-se ao mundo por sua obra em favor do índio, com a sua profissão de soldado.

Ele foi o instrumento do Ministro Calógeras para semear modernos quartéis pelo Brasil que há mais de 76 anos prestam valiosos serviços. Rondon nasceu em Mimoso, próximo a Cuiabá, em 5 mai 1865 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 jan 1958, após haver recebido do povo brasileiro, através de seu Congresso, o posto de Marechal e ter sido dado seu nome ao território de Rondônia. Foi fidelíssimo o seu pensamento: "Mais importante que a vida é o espírito com qual a vivemos."

PATRONOS DA INTENDÊNCIA E DO MATERIAL BÉLICO

O Patrono do Serviço de Intendência



O Marechal graduado **Carlos Machado Bittencourt** foi consagrado patrono do Serviço de Intendência, por Decreto-Lei nº 2442 de 5 Abr 1940, confirmado por Dec. 51.426 de 13 Mar 1962, por haver demonstrado, como Ministro da Guerra, na Expedição a Canudos, em 1897, nos sertões da Bahia a necessidade da existência de um serviço de Intendência estruturado, equipado e adestrado, para garantir o apoio logístico as tropas que lá combatiam e, assim, o sucesso operacional. Machado Bittencourt ao analisar as derrotas das três expedições anteriores a Canudos, concluiu que concorreu para isto a falta adequada de apoio logístico o que acarretou até a fome entre nossos soldados.

Foi então pessoalmente a Bahia e, segundo Olynto Pillar, em "07 set 1887, o Ministro da Guerra chegava a Monte Santo, levando cerca de 3000 homens e copiosa munição de boca e guerra (Classe I e V), transportada por cerca de 1000 muares, veículo eficaz para o sertão.

 Imprimindo um cunho pessoal, suas providências foram tais que a partir daí os comboios seguiam para Canudos assegurando um mínimo de suprimentos aos combatentes".

Segundo o autor citado "Fora, sem dúvida, a fome, o agente desmoralizante de desordem, de indisciplina, e de extermínio de nossos soldados, fator único da vergonhosa derrota das três expedições anteriores a Canudos". Ou, falta de

Apoio Logístico, que tantas e tantas vezes tem se repetido ao longo da História Militar Mundial.

Em Canudos, o Apoio Logístico foi decisivo para a vitória da 4ª Expedição e para a derrota das anteriores e Euclides da Cunha, em **Os Sertões** imortalizou a ação de Machado Bittencourt.

Machado Bittencourt trazia mais de 2 anos de experiência de apoio logístico da guerra do Paraguai, como deputado do Quartel Mestre – General, junto a 7ª BdaInf e auxiliar do deputado do Quartel Mestre da 3º DI – A Divisão Encouraçada",, ambas ao comando de seu heróico pai, o Cel Jacinto Machado Bittencourt que substituiu Sampaio depois de Tuiti no comando da Divisão.

O Quartel Mestre era o responsável pelo apoio logístico do Exército. E, em cada grande Unidade, em campanha, ele se fazia representar pelo deputado do Quartel Mestre General, e pelo auxiliar deste. Era da responsabilidade do Quartel Mestre General entre outras as seguintes missões: Aquisição, depósito, arrecadação, conservação e movimentação de material; pelos transportes de pessoal e material: pelos suprimentos em geral, pelos armamentos e equipamentos etc.

O Quartel Mestre General daria origem a criação da Repartição de Intendência Geral, em 15 jan 1859, raíz do atual Serviço de Intendência.

Machado Bittencourt nasceu em Porto Alegre em 12 abr 1840, durante o 3º e último sítio farrapo que durou de 15 jun 1838 - 8 dez 1840. Era neto e filho de heróicos soldados que morreram em campanha. Participou bravamente da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1866-70) sendo ferido em ação e promovido a capitão, por bravura e, por merecimento, nas promoções de oficial superior. Tombou ferido de morte em 5 nov 1887, ao interpor-se entre o Presidente Prudente de Morais e o seu agressor — O anspeçada Marcelino Bispo. Atingido por quatro punhaladas do agressor, morreu no local, hoje balizado por monumento na Praça Marechal Âncora defronte o atual Museu Histórico Nacional. Seu enterro foi concorridíssimo.

Machado Bittencourt herói de guerra e mártir do dever, sublimou as Virtudes Militares de Bravura e Coragem e elevou bem alto a atividade de Apoio Logístico Militar no Brasil. Ele deu início a Reforma Militar no Exército (1897-45) que elevou os padrões operacionais do Exército, de Canudos aos da FEB.

O Patrono do Quadro de Material Bélico



O Tenente-general **Carlos Antônio Napion**, talentoso e renomado químico, metalurgista e mineralogista e autor de livros sobre estes assuntos é considerado o primeiro comandante da Academia Real Militar instalada pelo Príncipe Regente D. João em 1810, na qualidade de seu Presidente de Junta Militar Diretora, foi consagrado, por Dec. de 12 ago 1966, patrono do Quadro de Material Bélico.

Isto em razão de haver, de 1808-14, implantado e implementado, entre nós, a infra-estrutura militar de Material Bélico, essencial à sustentação militar da Soberania, Integridade, Unidade e Independência brasileiras, colocadas sob séries ameaças nos primeiros passos do Brasil, como nação independente. Infra-estrutura igualmente de grande projeção no Desenvolvimento do Brasil.

Como Inspetor Geral da Real Junta da Fazenda dos Arsenais, Fábricas e Fundições, criou a Fábrica de Pólvora no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, depois transferida para Estrela e mais o Arsenal Rio de Janeiro e, ambas, raízes históricas de toda a infra-estrutura de Material Bélico e com assinalados serviços prestados, em mais de 150 anos, as armas brasileiras em seus confrontos externos e internos.

Napion foi também o Diretor de Ensino da Academia Real Militar, montada na Casa de Trem em 1810, onde vinham funcionando desde 1792 a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho que estava, conforme seu regulamento, formando oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros, tornando-se assim, o mais antigo estabelecimento militar acadêmico das Américas e. em realidade, a raiz histórica da AMAN.

Coube-lhe então montar o currículo da Academia Real em atendimento aos seguintes objetivos do Príncipe D. João:

"Assegurar a formação de oficiais para responder às necessidade de Defesa e Segurança de meus vastos domínios, além de oficiais engenheiros para responderem às necessidades de desenvolvimento de meu Reino e habilitados a dirigir assuntos relativos a "Minas e Caminhos, Portos, Canais, Pontes, Fontes e Calçadas."

Além disto Napion foi fiscal da Fábrica de Ferro de Ipanema, teve destacada atuação no apoio à Expedição de Caiena, em 1809 e, na infra-estrutura de apoio, em Material Bélico, a campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental (1811-12) e na melhoria do poder defensivo das fortalezas que

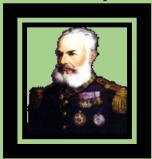
protegiam o Rio de Janeiro.

Napion nasceu em Turim – Itália, em 30 out 1756. Pertenceu as Academias de Ciências de Turim e Lisboa. Lutou contra Napoleão na campanha 1793-95, quando foi promovido a major por atos heróicos. Foi contratado como tenente coronel por Portugal, em 1800. Em 1807 era Diretor de Arsenal da Guerra de Portugal. Morreu no Rio de Janeiro em 27 jun 1814, aos 58 anos, depois de 6 anos de intenso, profícuo e estafante labor. Dizem que morreu de excesso de trabalho. E isto sabendo que Napoleão o invasor e conquistador de seu berço natal – Turim, abdicara e estava prisioneiro na Ilha de Elba.

Até hoje se desconhece gravura ou pintura que represente o tenente-general Napion. É possível que algo seja encontrado nas Academias de Ciências de Turim ou Lisboa. Mesmo que nada seja encontrado, mais do que a memória de seu semblante, vale a memória de seu gesto de devoção e de desprendimento em prol da segurança do Brasil, para a qual sacrificou a sua saúde e deu, o melhor de sua vida a saber, além de constituir-se em exemplo de sublimação das Virtudes Militares de Devotamento e Desprendimento.

PATRONOS DA SAÚDE, VETERINÁRIA E SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA





O GenBda Médico Dr. **João Severiano da Fonseca**, também militar, escritor, naturalista, historiador, geógrafo, professor e político, foi confirmado Patrono do Serviço de Saúde, ou dos médicos, dentistas e farmacêuticos de Exército, pelo Dec. 51.425 de 15 mar 1962, pelo espírito científico, coragem moral e senso de solidariedade revelados, de modo assinalado, como médico militar e defensor dos direitos de seus pacientes, na paz e na guerra, ao ponto de ser guindado, por eleição, quase unânime, no quadro de Saúde, como símbolo e padrão do soldado de Saúde além de patrono. Segundo seu biógrafo, o historiador general Bda Alberto Martins da Silva, o general Severiano além do perfeito desempenho da função de médico militar durante a guerra do Paraguai, na qual lutou de fio a pavio, como o seu irmão o Marechal Deodoro da Fonseca, se singularizou:

"Pela defesa intransigente e corajosa dos doentes, no sentido de assegurarlhes remédios, dietas, enfermagem, transporte condigno e abrigo das intempéries; pela venda de sua coleção de moedas para compras remédios aos seus enfermos e pelo uso da flora medicinal, em redor dos hospitais de sangue, para minorar o sofrimento de seus doentes, na falta de medicamentos."

Neste tarefa, como tenente, corajosamente e com firmeza atuou em prol do doente junto aos chefes mais graduados como os legendários brigadeiro Sampaio e coronel Tibúrcio. Tomou, também, junto com outros oficiais de saúde, posição corajosa em prol da abolição dos castigos corporais, inclusive pranchadas de espada, remanescentes do Regulamento Disciplinar do Conde de Lippe e só abolidos, em 1875, por Caxias, em Regulamento Disciplinar que então baixou como Ministro da Guerra.

João Severiano atuou de forma marcante como cirurgião e Diretor do Hospital Militar da Corte, raiz histórica do HCE. Foi Diretor de Saúde dedicado de 1850-57, gestão marcada por grandes melhoramentos e avanços e também pelo grande apoio dado as operações do Exército nos sertões da Bahia, na guerra de Canudos.

João Severiano nasceu em 27 mar 1836, em Alagoas. Era filho de Rosa da Fonseca que passou a História com a "Espartana brasileira" ou "mãe dos 7 Macabeus", em razão de 7 de seus 8 filhos homens haverem lutado na guerra do Paraguai, dos quais 3 morreram em ação: Hipólito Mendes e Afonso Aurélio em Curupaiti e Eduardo Emiliano, em Itororó.

João Severiano faleceu em 7 nov 1897 no Rio de Janeiro, já integrando diversas agremiações culturais e científicas e senhor de vasta bibliografia onde sobressaia **Viagem ao redor do Brasil** e **da Moléstia em Geral**, sua tese de doutoramento, em 1860.

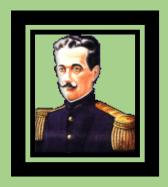
Sobre sua visão de justiça deixou este pensamento lapidar ao reassumir a Direção da Saúde.

"Já sabem o meu modo de servir. Na balança dos meus julgamentos não tem peso igual o brio e o desleixo, e tão pronto sou em reconhecer e afagar o merecimento e os bons serviços com o sou em profligar e punir a tibieza, a diaídia e o desmazelo."

João Severiano extremou-se na prática das Virtudes Militares de Coragem, Devotamento, Desprendimento, Solidariedade e Moralidade.

Sobre ele escreveu o Marechal Dutra: "Suas altas virtudes e impecável conduta como médico e soldado, devem ser sempre louvadas com orgulho patriótico, servindo de constante inspiração aos que se devotam aos zelos humanitários e altruísticos". '

O Patrono do Serviço de Veterinária



O TenCel médico **João Muniz Barreto de Aragão**, foi confirmado por Dec. 51.492 de 13 mar 1962, patrono do Serviço de Veterinária do Exército, por haver sido idealizador da Escola de Veterinária do Exército inaugurada em 17 jul 1914, se destacado no combate estratégico de doenças infecciosas e parasitórias que assolavam os rebanhos nacionais e atingiam inclusive os contigentes militares nos quartéis e haver sido o criador e primeiro dirigente, de 1911-12, do Serviço de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura, ação com muitos positivos reflexos no estado sanitário das cavalhadas do Exército.

Muniz de Aragão foi Diretor da Escola de Veterinária do Exército em 1919 e Inspetor do Serviço de Veterinária.

Membro ativo da Academia Nacional de Medicina, em 30 jun 1912 propôs e a Academia encaminhou ao governo, medidas visando a melhorar as condições dos estábulos no Rio de Janeiro, com positivos reflexos na melhor qualidade do leite.

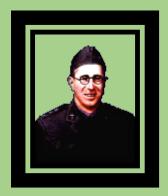
Muniz de Aragão nasceu em Santo Amaro, na Bahia, em 17 jun 1874 e faleceu no Rio de Janeiro em 16 jan 1922 com 48 anos de idade. Entre seus trabalhos literários registre-se "A distribuição de água aos exércitos em marchas e operações".

Hoje sabe-se de sua preocupação com a medicina preventiva, que não pode prescindir do veterinário, seja em inspeção de alimentos, seja, no saneamento básico, seja na produção de soros e vacinas, e seja, finalmente, nos levantamentos epidemiológicos de campo, atividades identificadas com a obra científica do Patrono do Serviço de Veterinária.

Muniz de Aragão, como acadêmico de Medicina, prestou relevantes serviços nos hospitais de sangue, na guerra de Canudos.

Muniz de Aragão praticou em alto grau as Virtudes Militares de Devotamento e Desprendimento.

O Patrono do Serviço de Assistência Religiosa



O capelão **Antônio Alvares da Silva** – o capitão *Frei Orlando*, da Ordem dos Franciscanos, foi confirmado, por Dec. 51.425 de 13 mar 1962, patrono do Serviço de Assistência Religiosa, por sua atuação destacada na frente de combate na FEB, "onde todos o queriam perto", conforme trechos de carta a seguir, escritas a sua mãe e que são eloqüentes por si só:

"Desde que vim para a linha de frente, estou sempre no Posto de Saúde Avançado, afim de atender os feridos que chegam do campo de luta.

De fato, vivo zanzando por toda a parte, hoje aqui e amanhã ali, dormindo ora neste, ora naquele lugar, sempre na primeira linha".

E noutro trecho:

"Eu não sei onde ficar, pois todo o mundo quer a minha presença". E seguramente o seu colega protestante com quem partilhava a barraca" e tornaram-se amigos e admiradores recíprocos.

Frei Orlando morreu em acidente em campanha, em 20 fev 1945, aos 32 anos, as vésperas do combate de Monte Castelo, causando grande pesar e sobretudo falta entre os combatentes da FEB.

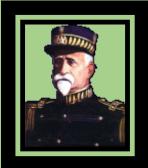
Ele nasceu em Morada Nova – município de Abaeté - MG, em 13 fev 1913. Fez seus estudos maiores na Europa. Foi ordenado padre em 17 set 1937.

Foi um dos primeiros capelães voluntários da FEB, tendo seguido para a Itália no 2º Escalão, como capelão do 11º RI de São João del Rei onde é reverenciado como um dos vultos maiores da Unidade e mereceu de Gentil Palhares meticulosa e justa biografia. Seus restos mortais estão no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial. O decreto que o consagrou patrono em 1969 diz a certa altura: "Haver ele demonstrado possuir peregrinas virtudes morais e cívicas que o recomendam, à posteridade, como modelo do verdadeiro sacerdote e capelão militar".

Frei Orlando sublimou as Virtudes Militares de Desprendimento, Devotamento, Solidariedade e Camaradagem.

OUTROS PATRONOS NO EXÉRCITO

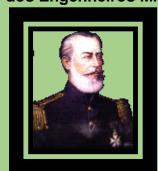
O Patrono do Magistério



O Marechal Roberto Trompowiski Leitão de Almeida, foi consagrado, por Dec. 1429 de 13 mar 1962, patrono do Magistério do Exército, em razão de haver sido considerado mestre por excelência ou o mais competente e admirado professor, em cerca de 30 anos de Magistério na Escola Militar e Colégio Militar, que comandara posteriormente e, mais, na Escola do Estado -Maior em 1905. Sobre ele testemunhou seu ex-aluno e destacado professor Alfredo Severo: "... Coronel Trompowiski duplo gigante na estatura e no saber... Dotado de todos os requisitos para o árduo mister de ensinar, o grande mestre reunia um completo domínio da difícil matéria (Cálculo Integral), o dom de expô-la com clareza cartesiana, sulcada de rasgos de eloquência, em que se aliavam harmoniosamente ao mais puro vernáculo, o gesto estatutário, que modela as formas geométricas no espaço, antes de traçá-las a giz, com a mão certeira de um perfeito desenhista, no plano do quadro negro... Da primeira a última aula, sua linguagem límpida era sempre a mesma, elevada e impessoal... Ninguém como ele para saber vazar o raciocínio matemático nos moldes impecáveis da língua castica".

Ele foi assistente de Rui Barbosa na Conferência de Haia e adido militar da Inglaterra, Suécia e Itália (1905-07). Em Paris, ao procurar o mais completo livro de Cálculo Integral indicaram-lhe o de um tenente polonês que em realidade era o dele, um brasileiro.

Trompowiski nasceu em Florianópolis em 8 fev 1853 e faleceu no Rio, em 2 ago 1926, aos 73 anos.



Patrono dos Engenheiros Militares

O coronel **Ricardo Franco de Almeida Serra** foi consagrado, por Dec. 94.445 de 12 jun 1989, patrono dos Engenheiros Militares do Exército, por sua atuação exemplar, profícua, abnegada e por vezes heróica, como engenheiro militar, por cerca de 30 anos (1775-1809) no Norte e Oeste do Brasil, na construção do quartel de Vila Bela (Mato Grosso) e dos fortes de Príncipe da Beira e Coimbra e mapeamento do Piauí, Pará, Amazonas e o Mato Grosso e dos vales dos rios Branco, Paraquai, Madeira, Guaporé e afluentes e, mais, a defesa heróica e

legendária do Forte de Coimbra e Sul de Mato Grosso como comandante da Fronteira Sul daquela região, em 1801. Ações todas de grande projeção na Geopolítica de Portugal, no Norte e Oeste do Brasil, no sentido da definição e consolidação de suas fronteiras naquelas regiões, por terem servido de argumentos irrefutáveis, com apoio no princípio "uti possidetis".

Em 1801, o Governador do Paraguai, a frente de frota fluvial, num quadro de guerra Espanha X Portugal, apresentou-se com sua frota junto ao Forte de Coimbra e face a sua grande superioridade de meios exigiu rendição incondicional daquela fortificação.

Ricardo Franco altivo respondeu: "Preferir ver-se sepultado com seus homens sob as ruínas do forte que lhes cabia defender, do que render-se".

E resistiu bravamente ao bombardeio espanhol e a todas as tentativas de desembarque, obrigando o agressor a retirar-se surpreso e derrotado.

Ricardo Franco nasceu em Lisboa, em 1748. Cursou Engenharia e Infantaria na Academia Militar de Portugal (1762-66). Faleceu aos 61 anos, em 21 jan 1809, no Forte de Coimbra, que havia construído e legendariamente defendido. Ricardo Franco sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Bravura, Abnegação e Honra Militar.

O Patrono do Quadro Auxiliar



O tenente **Antônio João Ribeiro** foi consagrado, por Dec. 85.091 de 24 ago 1980, patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais, por haver atendido ao chamamento da História, ao qual está sujeito qualquer militar e no comando da Colônia Militar de Dourados, quando, com coragem, bravura, honra militar, desprendimento e altivez imolou-se no altar da Pátria, em 26 dez 1864, junto com alguns de seus comandados, na resistência à invasão do solo de sua pátria, ao negar-se a atender ultimatum de forças invasoras.

Então, com atitude de extrema heroicidade, correspondeu a estas palavras a ele atribuídas:

"Sem ordem do governo imperial não me renderei de forma nenhuma."

"Eu sei que morro, mas o meu sangue e os de meus camaradas servirá de

protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria."

E resistiu com 13 homens a uma força de 365 homens. O fogo cerrado do inimigo o fulminou e atingiu dois soldados e dois colonos. Os restantes foram dominados. Desde então seu gesto de enorme heroísmo tem comovido todas as gerações de brasileiros. Seu gesto heróico foi imortalizado, em bronze, no Monumento à Retirada de Laguna e Dourados, na Ilha na Praia Vermelha, no Rio.

Em sua Fé - de - Ofício é lugar comum expressões:

"É subordinado pronto para o serviço. É zeloso. Possui probidade. É pontual. Apto para o comando de Companhia.

Regular instrução da Arma e bastante do Serviço em Campanha."

Antônio João nasceu em Poconé-MT, em 29 nov 1823 e iniciou carreira militar em Cuiabá - MT, em 6 mar 1841. Ascendeu ao oficialato, como Alferes, em 29 jul 1852. Ele sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Honra Militar e **Desprendimento**.

Patrono do Quadro Suplementar do Exército



MARIA QUITÉRIA DE JESUS - O Soldado Medeiros do Batalhão de Voluntários D. Pedro I que ficou conhecido como Batalhão de Periquitos na luta pela Independência na Bahia, foi consagrada como Patrono do Quadro Suplementar do Exército por decreto Presidencial de 1 jun 1996.

Proclamada a Independência, a Junta Conciliadora de Defesa de Cachoeira na Bahia conclamou os baianos a se alistaram para ,no campo da honra ,consolidarem a Independência ameaçada na Bahia por Divisão Portuguesa ali estacionado ao comando do General Madeira.

A jovem Maria Quitéria de Jesus, ardendo de patriotismo, pediu a seu pai e este negou-se a atender o seu compulsivo o desejo patriota de ingressar nas forças libertadoras do Brasil, na Bahia.

Foi então que vestindo roupas masculinas e com a cumplicidade da irmã e seu cunhado de sobrenome Medeiros, assentou praça como soldado Medeiros num Regimento de Artilharia e ,logo a seguir na Infantaria no Batalhão de Voluntários Imperador D. Pedro I ou Batalhão dos Periquitos Apodo este em

razão do verde acentuado das golas e punhos de suas fardas, conforme se vê na pintura que a representa com o seu saiote" high lander" escocês, com o qual entrou triunfante em Salvador em 2 jul 1823, aplaudida pelo povo baiano que ela ajudou a libertar.

E foi aí que surgiu a legenda de uma brasileira que, para defender a sua pátria, escondeu a sua condição feminina, circunstância descoberta antes do término da libertação da Bahia em 2 julho de 1824.

Guerreira que revelou bravura e intrepidez nos combates de Conceição, Pituba, Itapuã e na foz do Paraguaçú, confirmados em elogios de seus superiores.

Destaque guerreiro que lhe valeram o recebimento das honras de 1º cadete de parte do comandante do Exército Imperial Nacional na Bahia ,ao comando do General Pedro Labatut e a honra de se integrar o grupo de emissários que levaram a notícia da libertação da Bahia a D. Pedro I, ocasião em que foi por este condecorada com a Comenda de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro passando a fazer já receber o soldo de Alferes de Linha.

E as honrarias a que que conquistou como guerreira da Independência do Brasil, foram assim justificadas em decreto imperial.

"Maria Quitéria de Jesus se alistou nas fileiras do Exército, para combater os inimigos da Pátria e se distinguiu em ocasiões das mais arriscadas em combates nos quais que sempre se portou heroicamente".

A sua consagração não tardou. Foi festejada com os justos e honrosos apelidos: "A heroína da Independência do Brasil", A moça - cadete do Batalhão de Periquitos, A Cadete da Independência; A mulher soldado do Brasil e até a Joana D'Arc brasileira.

Em 1953 forma inaugurados em todos os quartéis do Exército o retrato da mulher soldado do Brasil - Maria Quitéria de Jesus e instituída a Medalha Maria Quitéria, homenagem aquela que a o final da guerra recebera da Junta de Defesa de Cachoeira uma bela e completa espada "à moça - cadete do Batalhão de Periquitos", tudo conforme brilhante estudo do historiador e acadêmico da AHIMTB Cel Manoel Soriano Neto em artigo Maria Quitéria de Jesus em **A Defesa Nacional** nº 783 jan/maio 1999 p. 111-117 no qual a certa alta altura ele registra:

"Feliz portanto o Brasil, que sempre contou com homens e mulheres resolutos e de acendrado sentimento de amor à Pátria, aos quais ao brado de pátria em perigo, souberam nos Guararapes em Pirajá, em Tuiuti e Itororó e de Monte Castelo, passando por Montese e até Fornovo, arriscaram ou sacrificavam a própria vida em defesa da honra nacional".

Maria Quitéria segundo diria o ilustre baiano Pedro Calmon :

Maria Quitéria de Jesus ,é o modelo, a alma, a imagem maravilhosa do espírito que deve vibrar nas integrantes do

Quadro Suplementar do Exército e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar embuído ."

Lamentalvelmenteforam coberta pela patina do tempo detalhes da vida desta heroina antes e depois de sua consagração guerreira na Guerra pela Independência na Bahia .Mas o desafio de de resgatar sua vida posua vida por completo permanece aos historiadores .

O Patrono dos CPOR e NPOR (por tradição)



O TenCel Luiz de Araújo Correia Lima vem sendo por tradição, considerado e cultuado como o patrono dos CPOR e NPOR, de que foi o idealizador. Solução que com a extinção da Guarda Nacional em 1918, veio a resolver o grave problema de formação de oficiais subalternos destinados a integrar a Reserva do Exército. Constituiu seu pioneirismo um grande avanço neste particular, ao lado de adoção do Serviço Militar Obrigatório, em 1916.

Foi tão feliz a projeção a sua obra que na FEB cerca de 1/3 de oficiais, de aspirantes a capitães, eram oriundos do CPOR, além de muitos que participaram da defesa do litoral, aqui no Brasil.

Correia Lima iniciou a formação de oficiais da Reserva no 1º GAP em São Cristóvão e atual quartel do 1º GAA é, depois de bem sucedida campanha entre alunos da Escola Politécnica, não sem sofrer resistências enormes dentro e fora do Exército. Finalmente, em 20 abr 1927, viu triunfar seu ideal que logo generalizou-se pelo Brasil. Sobre o assunto escreveu artigo na **Revista do Clube Militar** nº 3, 1927. Foi criado o CPOR-RJ e, como capitão, foi o seu primeiro comandante. Correia Lima foi praça voluntária do 25º BI em 24 set 1907. Ingressou na Escola de Guerra em Porto Alegre, em 1908.

Em 1808 e 1809 cursou Infantaria e Cavalaria e logo a seguir como Aspirante - a - Oficial, cursou Artilharia e o Curso de Engenharia quando foi mandado servir no 20º GAC, onde começou a dar asas ao seu ideal, concretizado, de formar oficiais da Reserva do Exército, com base em leituras específicas que realizara sobre a 1ª Guerra Mundial e com apoio no Dec. 15.185 de 21 dez 1821 que previu a formação de oficiais de 2ª Classe da Reserva.

Correia Lima nasceu no Rio Grande do Sul em 4 nov 1891 e faleceu aos 39 anos em Curitiba, em 10 out 1930, num sangrento episódio da Revolução de

30, defendendo bravamente o seu comando e convicções.

OS PATRONOS NA MARINHA

O Patrono da Marinha



O Almirante **Joaquim Marques Lisboa** e *Marques de Tamandaré* – O Nelson Brasileiro, é por tradição cultuado patrono da Marinha do Brasil, em razão, segundo o espírito do Aviso 3322 de 4 dez 1925 que instituiu o seu aniversário como o Dia do Marinheiro e Dia de Tamandaré, "representar na História Naval Brasileira a figura de maior destaque dentre os ilustres oficiais de Marinha que honraram e elevaram a sua classe". E mais que, "neste dia deveria a Marinha render-lhe as homenagens reclamadas por seus inomináveis serviços à liberdade e união dos brasileiros, demonstrando que o seu nome e exemplos, continuam bem vivos no coração de quantos sabem honrar a impoluta e gloriosa farda da Marinha Brasileira".

Por seus quase 67 anos de heróicos, legendários e excepcionais serviços prestados à Marinha, é por ela hoje considerado o seu marinheiro símbolo e padrão.

O futuro Almirante Tamandaré ingressou na Marinha do Brasil em 4 mar 1823, aos 16 anos, tendo sido designado para servir a bordo da fragata "Niterói", como praticamente de piloto, ao comando de Taylor que, integrando esquadra brasileira de LordCockrane, combateu os portugueses na guerra da Independência, na Bahia, em 1823.

Terminada esta guerra, na qual se destacou, freqüentou por quase um ano a Academia Imperial dos Guardas - Marinha, até ser requisitado pelo Almirante Cockrane para embarcar na nau "D. Pedro I" destinada a combater a Confederação do Equador, no Nordeste. Nestas ações se impôs a admiração e estima dos seus chefes que atestaram que ao tempo de sua participação na guerra da Independência "já possuía condições de conduzir uma embarcação a qualquer parte do mundo". Com isto conseguiu sua promoção a 2º Tenente em 2 ago 1825, marco de sua brilhante carreira que o conduziria a condição de marinheiro de guerra símbolo e padrão do Brasil. Conforme escreveu Gustavo Barroso: "foi Tamandaré marinheiro do primeiro e segundo Império, que vira o Brasil Reino, guerreara na Independência, no Prata, tomara parte ao lado da lei em quase todas as convulsões da Regência, criara e legara a vitória no Uruguai e no Paraguai à Marinha, do segundo Império, assistira a Proclamação

da República, a Revolta da Esquadra, pisara o convés de tábuas dos veleiros e na coberta chapeada de ferro dos encouraçados, vira a nau e o brigue, o vapor de rodas e o monitor e a couraça e o torpedeiro destinada a vencê-la".

Tamandaré é grande parte da História do Brasil e de sua Marinha.

Após haver combatido na guerra da Independência na Bahia, em 1823 e na Confederação do Equador, em 1824, Tamandaré lutou na guerra Cisplatina 1825-28, inclusive no comando de dois navios, aos 20 anos, quando capturou em ação os barcos adversários "Ana" e "Ocho de Fabrero", além de haver lutado bravamente em Corales e Lara Quilmes. Teve atuação febril no combate as Setembrizada (set 1831) e Abrilada (abr 1832) e Praiera (1840) em Pernambuco e Sabinada (1835), na Bahia e Balaiada (1841), no Maranhão (1841). Ali comandou as forças navais, quando, em apoio a Caxias, desempenhou ação decisiva no campo logístico e operacional.

Por estar enfermo não combateu na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52). Manteve ação brilhante direta na guerra contra Aguirre, em 1864 e destacada na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70), até 22 dez 1866.

Seu maior feito militar foi haver comandado a conquista da cidade oriental de Paissandú, 1 e 2 jan 1865.

Vitória que assegurou as forças militares do Brasil, posição estratégica de real valia na vigilância de fronteira, além de com ela abrir os portos à posse de Montevidéu, conseguida com o acampamento do nosso Exército em Frai Bentos e de nossa Marinha no porto de Montevidéu.

Em 11 jun 1865 travou-se a vitoriosa batalha do Riachuelo, a maior batalha naval da América do Sul vencida pela 2ª e 3ª divisões da Esquadra Brasileira sob o seu comando, e então comandada pelo Almirante Barroso.

Tamandaré após relevantes serviços no comando da Esquadra Brasileira em operações, passou o comando da mesma, em Curuzú, encerrando, assim, mais de 30 anos de assinalados serviços à Segurança do Brasil, passando a prestar, até 20 jan 1890, data de sua reforma, depois de quase 67 anos de notáveis serviços à administração naval.

Tamandaré nasceu em 13 dez 1807, na Vila de São José do Norte, no Rio Grande do Sul. Sua infância e meninice transcorreu debruçado no sangradouro da Lagoa dos Patos, onde desenvolveu grande habilitação em natação e aprendeu navegação. Inúmeras vezes atravessou o canal que mais tarde mapeou, como capitão, em vai e vem, entre as vilas de São José do Norte e Rio Grande.

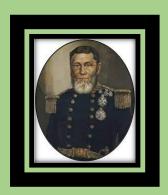
Seu padrinho de batismo foi o legendário fronteiro Marechal Manoel Marques de Souza, precursor da Independência e que guiara como tenente, as tropas de terra e mar que reconquistaram, em ação conjunta, ao comando do tenente general Henrique Böhn e a partir de São José do Norte, a Vila do Rio Grande, em 1º abr 1776, e há 13 anos em poder dos espanhóis.

O velho, experimentado, audaz, corajoso lobo do mar brasileiro, Almirante Tamandaré, âncora da lei, baluarte defensor da Nacionalidade, findou sua existência aos 88 anos, em 20 mar 1897, no Rio de Janeiro. Dispensou honras fúnebres. Seis marinheiros de sua gloriosa e querida Marinha o transportaram da sua casa ao carro fúnebre.

Tamandaré sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Honra Militar, Desprendimento, Devoção e Solidariedade. Da última falam seus heróicos e repetidos feitos de repercussão internacional, de salvar navios e pessoas, em perigo no mar, sobre o que escreveu Gustavo Barroso, a propósito de um salvamento na Amazônia: "A esse homem que nascerá predestinado às lides guerreiras, o destino reservara miraculosas salvações de navios e pessoas. Fizera-as já no Rio da Prata, nas águas plúmbeas da Patagônia, acabava de fazê-las no Mar Dulce da Amazônia, fá-las-ia ainda nos mares da Europa e do Brasil".

OUTROS PATRONOS DA MARINHA

O Patrono do Serviço de Saúde



O Altegrad. Dr. **Joaquim Cândido Soares Meirelles** foi consagrado, por Dec. 63.684 de 25 nov 1968, patrono do Serviço de Saúde da Marinha, por sua ação assinalada e superior, não só como médico de nomeada, como por suas corajosas e pioneiras posições em defesa de melhores condições para seus doentes. Tudo, no exercício, por 19 anos (1845-64) das funções de Chefe do Serviço de Saúde de nossa Marinha.

Dentre suas ações na chefia da Saúde registra-se: Instituição da visita médica quinzenal aos navios e quartéis, para descobrir e isolar doentes com possibilidade de contágio; exigência de vacinação antivariólica no pessoal dos navios, quartéis e hospitais; recomendação de profilaxia de doenças venéreas e sifilíticas; manifestação contrária a castigos corporais e má alimentação do pessoal dos navios; crítica aos critérios de seleção de pessoal; recomendação para substituir-se o uso de aguardente por café e construção de hospital condigno na atual Cinelândia, em 1861, e indicação para criar-se uma Escola de Ginástica e Natação para desenvolver o físico dos recrutas admitidos como grumetes. Todas estas posições, segundo Luiz Castro e Souza, eram feitas com "altivez, dignidade, respeito e sobretudo, com autoridade de uma chefia

autêntica". Soares Meirelles formou-se cirurgião de 1817-22, no Curso Academia Médico-Cirúrgica que funcionava no Hospital Militar do Morro do Castelo. Em 1817 obteve os títulos de doutor em medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina de Paris. Antes de ingressar na Marinha, Soares Meirelles foi médico do Exército de 1819-28, tendo servido nos atuais regimentos Sampaio e Dragões da Independência, no Rio e no Regimento de Cavalaria e Hospital Militar, em Ouro Preto. Nesta condição junto com mais 11 oficiais do Exército, por Dec. de 29 jan 1825, visitou a França em viagem de aperfeiçoamento técnico. Então freqüentou hospitais militares e retomou o contato com a medicina e cirurgia francesas. Soares Meirelles foi o fundador e idealizador da Academia Nacional de Medicina e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nasceu a margem do rio das Velhas, em Sabará - MG, em 5 nov 1797, e faleceu no Rio, em 13 jul 1868, aos 71 anos.

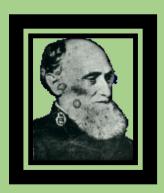
O Patrono dos Quadros de Oficiais Auxiliares



O V. Alte **João do Prado Maia**, historiador e professor foi consagrado, em vida, por Port. 1037 de 13 nov 1986, o patrono dos Quadros dos Oficiais Auxiliares, por haver sido o 1º marinheiro a atingir o posto de Almirante, após brilhante, fecunda e modelar carreira, galgada com inteligência, tenacidade, devoção, disciplina, força de vontade e muito estudo e, mais, por sua exemplar e marcante atuação como oficial do nóvel Quadro de Oficiais Auxiliares, de 2º ten a cap (1938-46), quando, inclusive, secretariou os ministros da Marinha -Almirantes Henrique Guilherme, Jorge Dodsworth e Sílvio Noronha. Prado Maia, órfão aos 8 anos, ingressou na Marinha aos 14, em 21 set 1911. Cursou com distinção as escolas de Aprendizes de Marinheiros, de Grumetes e de Torpedos e Minas Submarinas. Como cabo participou da 1ª Guerra integrando a Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG). Foi escrevente de 1919-37, inclusive no Gabinete do Ministro. De 1946-56, como oficial superior do Magistério lecionou Português e História na Escola Naval. Em 11 jun 1956, com 45 anos de serviços, foi para a reserva como V. Alte, após o que realizou notável e fecunda obra de divulgação da História e Tradições da nossa Marinha, em artigos, conferências e livros onde se destaca: As tradições dos homens do Mar que tem iniciado nas fainas de marinheiro, sucessivas gerações de alunos dos Colégio e Escola Naval. Foi membro ativo e assíduo dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e de Geografia e História Militar do Brasil onde com ele convivemos e podemos confirmar tratar-se de: Marinheiro, cidadão, chefe de família e amigo, exemplar e inesquecível. Prado Maia que devotava a Marinha um amor filial, viveu com ela e para ela cerca de

78 anos. Nasceu em 24 mar 1897, em Belém - Pará e faleceu no Rio em 25 jun 1985, aos 88 anos .

O Patrono da Artilharia Naval



O CMG Henrique Antônio Baptista é cultuado como o patrono da Artilharia de nossa Marinha (OD 1/85 de 15 mar 1989 da Esquadra). Em seu aniversário comemora-se o Dia da Artilharia Naval, ou dos que "conservam, testam, alinham, apontam, carregam e disparam projetis – foguetes, bombas granadas, projetis de canhões, mísseis diversos e torpedos em navios, aeronaves e submarinos". De 1851-78, de 2º ten a CF desenvolveu brilhante e exemplar carreira. Revelou-se extremamente competente, devotado, ativo, idealista, criativo e bravo. Prestou assinalados serviços a atualização acelerada e desenvolvimento de nossa Artilharia Naval, como consumado e exponencial especialista no assunto. Em 1756 participou da revisão do Regulamento de Artilharia. Em 1857 instruiu os guardas-marinha em Artilharia, em viagem de instrução. Em 1857 inventou o sistema adotado de carreta naval – à Baptista. Mais tarde inventaria espoleta de percurssão e dispositivo de culatra de canhão Withworth. Em 1860 como 1º ten foi nomeado Diretor de Artilharia do Arsenal de Guerra (Rio de Janeiro), função que exerceu com raro brilho e grandes resultados para a Marinha por cerca de 18 anos, com breves intervalos e até 1878, quando foi reformado por deficiência aguda de visão e no posto de CMG. De 1861-62 cursou Artilharia Naval na Europa, especializando-se nos modernos canhões raiados, cuja introdução entre nós, defendeu e orientou como CT. Em sua intensa, febril e profícua ação como Diretor de Artilharia, instalou fábricas de material bélico na Ponta da Armação e defronte a Passo da Pátria, no Paraguai, onde tomaria parte, em 3 mar 1867 do bombardeiro de Curupaiti, quando "com sangue frio e coragem transportou-se debaixo do fogo, para bordo das diversas embarcações, onde podia colher dados para melhoramentos no processo de carregar e apontar a Artilharia moderna e auxiliar os respectivos comandantes com os conselhos de sua experiência". Profissional de raros méritos e virtudes foi-lhe confiado o comando de 7 navios: O último, o encouraçado "Brasil" que conduziu desde Toulon até o TO da guerra do Paraguai; o patacho "Desterro" (1851-52); como 2º ten; o patacho "Tereza" (1853), o vapor "Paraense", a escuna "Xingu", a canhoneira "Paraense" e o vapor "Japorá" como 1º ten. Desempenhou funções de hidrógrafo ao mapear o litoral de Angra dos Reis e Palmas e ao reconhecer do Alto Paraguai, entre Vila Maria e Dourados, ocasião que comandou a Força Naval do Mato Grosso.

Reformado continuou a prestar o concurso em Ciência Naval ao Arsenal. O CMG Baptista sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Abnegação, Devotamento, Desprendimento e Presteza. Nasceu em 15 mai 1824 em Montevidéu e faleceu em Niterói em 1 set 1899 aos 75 anos.

A travessia do Atlântico com o "Brasil", sob o seu comando é página épica.



O Patrono das bandas de Música e Marcial da Marinha

Antônio Francisco Braga, músico, maestro, compositor sinfônico e professor da Escola Nacional de Música, foi consagrado, por Dec. 62.863 de 10 mar 1968, o patrono das Bandas de Música e Marcial da Marinha de Guerra, por haver delas sido professor, ensaiador e por vezes regente, de 17 abr 1905 -27abr 1931, ou por mais de 22 anos. Ele atingiu as culminâncias de Arte Musical e foi uma das glórias ou uma espécie de Patriarca da Música Brasileira. Ingressou aos 8 anos, por proteção do Alto Tamandaré, no Asilo de Meninos (atual Instituto João Alfredo) de onde saiu aos 21 anos, em 14 abr 1888. Ali, integrando a banda escolar, aprendeu a tocar vários instrumentos e, a compor em 1887. Frequentou o Conservatório Imperial de Música, no Rio. De 1890-1900 estudou na Europa, em Paris, e Dresden, tendo tirado 1º lugar em concurso no Conservatório de Música em Paris, cidade onde realizou concertos com música brasileira. É autor da ópera **Jupira.** São famosas suas composições Virgens Mortas e Hino a Bandeira sobre versos de Olavo Bilac. Compôs o famoso Pranto a Bandeira em que extravasou sua dor pela catástrofe de 21 jan 1906 do encouraçado "Aquidabã", na baia de Jacuacanga, em Angra dos Reis. Composição que executou na então Banda de Música do Corpo de Marinheiros Nacionais em 1912, quando do falecimento do Barão do Rio Branco e mais tarde, a bordo do paquete "Ubá", que transportou desde Dakar, os corpos de 121 vítimas da gripe espanhola, integrantes da Divisão Naval de Operações de Guerra (D.N.O.G.) enviado pelo Brasil para auxiliar o esforço de guerra aliada. Francisco Braga nasceu e faleceu no Rio, em 15 abr e em 17 mar 1945. É glória do Instituto João Alfredo.

O Patrono da Aeronáutica



O Marechal - do -Ar (honorário) **Alberto Santos-Dumont** foi consagrado, por Lei 7.243 de 4 nov 1984, patrono da Aeronáutica Brasileira, por suas valiosas e pioneiras contribuições à locomoção aérea mundial onde sobressaem: Seu grande feito de haver sido o primeiro aviador mundial, a voar com uma máquina mais pesada que o ar, que inventara e construíra, o avião 14 – Bis, na tarde de 23 out 1906, no Campo de Bagatelle, em Paris, frente a público numeroso, quando arrebatou, com um vôo de 70 metros, a Taça Archedeacon, destinada a quem voasse mais de 25 metros e, haver iniciado a Era da Aviação Mundial com o seu avião Demoiselle nº 20, cujo modelo difundiu-se mundialmente e no qual todo o mundo iniciou a voar.

No sonho concretizado de inventar o avião, fato que o consagrou como o Pai da Aviação, percorreu o seguinte itinerário cheio de dificuldades vencidas com coragem, galhardia, determinação e riscos de vida.

Foi tocado pelo desejo de voar ao ler, de 1887-1891, as aventuras de Júlio Verne que abordava, com visão do futuro, a locomoção aérea. Ao deparar, em Paris, na exposição de máquinas no Palácio da Indústria, com um motor a petróleo, compacto e leve, escreveu: "Parei diante dele como o pregado pelo destino. Com ele tinha sentido a possibilidade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne". E daí começou a escalada de seu sonho longo, mas glorioso, até o Demoiselle nº 20.

Alugou balões e com eles fez ascensões. Construiu o balão Brasil, com o qual se familiarizou mais com manobras aéreas. Construiu o balão nº 1, longo com forma de charuto, com propulsão a motor. Com a altitude, o gás esfriou e o balão dobrou-se e perdeu os controles e Santos-Dumont salvou-se por milagre. Construiu o balão nº 2. O charuto dobrou-se no ar e outro acidente. Construiu o nº 3 de maior diâmetro e menor comprimento, mas em vôo perdeu o Leme e mais uma queda. Construiu o nº 4 com o qual realizou ascensões dirigidas. Aumentou o nº 5, com um remendo e alguns aperfeiçoamentos com o qual teve dois acidentes.

Construiu o nº 6 e em 15 out 1801, contornou com ele a Torre Eiffel e conquistou o prêmio Deutsch de La Meurth, grande dia para a história da locomoção aérea. Construiu o nº 7, mais veloz que foi inutilizado por vândalos, em New York. Passou por cima do nº 8 por superstição e construiu o nº 9, pequeno, com o qual descia defronte sua casa. Construiu o nº 10, o balão ônibus. Aperfeiçoou o nº 10 e construiu o nº 11. Projetou o helicóptero, seu

projeto 12, que não conseguiu voar.

Construiu o balão 13 com possibilidade de receber injeções de ar quente. Construiu o nº 14 com excelentes resultados, com aperfeiçoamentos. Construiu em 6 meses o mais pesado que o ar – o 14-Bis e com ele, em 23 out 1906, inventou o avião, ao nele voar 70 metros.

Por esta razão, o dia 23 out foi considerado o Dia do Aviador do Brasil.

Santos-Dumont nasceu em 20 jul 1873 na Fazenda Cabangu, hoje transformada em museu e no interior do município de Santos-Dumont, ex-Palmira.

Desde os mais verdes anos revelou grande vocação para a mecânica, resolvendo nesta especialidade os mais intricados problemas domésticos.

Fez estudos no Rio de Janeiro e Ouro Preto. Em 1891 viajou à França onde seu pai se fizera engenheiro pela Escola Central de Paris. Lá foi que conheceu o motor a petróleo sobre o qual escreveu mais tarde: "Ao motor de petróleo devi mais tarde, todo inteiro, o meu êxito. Tive a felicidade de ser o primeiro e empregá-lo nos ares. Aí nasceu seu sonho de estudar em Paris." Foi emancipado e seu pai entre outros conselhos disse-lhe: "Não esqueça que o futuro do mundo está na mecânica. Você não precisa ganhar a vida. Eu lhe deixarei o necessário para viver."

Em Paris estudou, com o sábio espanhol Garcia, Química, Física, Astronomia e Mecânica Aplicada.

Comprou um automóvel e depois um triciclo. E o tempo ai escoava entre idas ao Brasil. Em 1897 empreendeu sua 4ª viagem a Paris. Então fez sua primeira ascensão no Vangirard, alugado por 250 francos. Sobre suas impressões e escreveu:

"Era inverno. Durante a viagem acompanhei as manobras do piloto. Compreendia a razão de tudo o que ele fazia. Pereceu-me até que eu nasci para a Aeronáutica.

Tu se me apresentava muito simples e muito fácil. Não senti vertigem nem medo."

Santos - Dumont realizou sozinho mais 30 vôos alugados em cidades da França e Bélgica.

Ao foi que então decidiu percorrer seu longo caminho que iniciou com a construção do seu balão Brasil e que culminou com o vôo com 14-Bis, em 23 out 1906, que o credenciou como o inventor do avião.

Em 2 abr 1917, Santos - Dumont realizou na Ilha das Enxadas, na Aviação Naval do Brasil, o seu primeiro vôo pilotado por outro – o piloto Lamare.

Em outro avião o Presidente Wenceslau Braz.

Segundo o historiador Lavenéra – Wanderley, atual patrono do CAN – "Alberto Santos-Dumont foi o brasileiro que pelo seu gênio, suas invenções e seu feitos, maiores glórias conquistou. Executou os seus trabalhos na França e angariou fama mundial. Impulsionado por um ideal que alimentava desde a juventude, realizou o seu sonho de navegar pelos ares, cobrindo de glórias também sua Pátria, o Brasil.

Para melhor avaliar a sua glória é necessário compreender bem a ânsia que, através dos séculos, empolgava o espírito dos homens para a conquista do ar, ânsia que culminou no período de experiência de Santos-Dumont quando, finalmente, foram encontradas as fórmulas práticas para a navegação aérea."

O Patrono da Força Aérea Brasileira - FAB



O Marechal - do -Ar **Eduardo Gomes**, que passou a História como Brigadeiro, foi consagrado, pela Lei 7243 de 6 nov 1984, patrono da Força Aérea Brasileira, em função da sua influência marcante na Aviação Militar e Força Aérea Brasileira, no sentido da operacionalidade crescente das mesmas; comando da 2ª Zona Aérea, no Recife, durante a 2ª Guerra Mundial; reequipamento e modernização da FAB; ajuda a solução dos problemas de seus homens; idealização, atuação e direção exemplar do Correio Aéreo Nacional e liderança inconteste, em seu tempo, sobre a Aeronáutica e FAB, pela autoridade moral que detinha, e o respeito que infundia, em função de sua coragem, idealismo, vida exemplar, dedicação extremada a Aeronáutica e a sua gente, coerência, dignidade, firmeza de convicções, vontade férrea e acentuado patriotismo e religiosidade; qualidades que contagiaram seus contemporâneos e que hoje inspiram os integrantes da FAB para a qual ele é o soldado do ar brasileiro, símbolo e padrão.

Eduardo Gomes cursou Artilharia na Escola Militar do Realengo 1915-18, em período quase coincidente com a 1ª Guerra Mundial que assinalou o surgimento e difusão de Aviação Militar.

Seu contato inicial com a Aviação Militar foi no curso de Observador Aéreo, função importante para orientar os tiros de Artilharia sobre seus alvos.

Em 5 jul 1924, participou da Revolta do Forte de Copacabana, evento que passou para a História como, Episódio dos 18 do Forte, que foi motivado pela prisão injusta e em local incompatível com o seu posto, do Presidente do Clube

Militar. Marechal Hermes da Fonseca, ex - Ministro do Exército e, ex - Presidente da República além de líder da profissionalização do Exército.

Em 5 jul 1924, participou em São Paulo de nova revolução. Então comandou um batalhão da Polícia Militar de São Paulo; liderou a Artilharia revolucionária e pilotou um avião, na tentativa de lançar boletins sobre as tropas legais e bombardear o palácio do governo.

Participou em Minas Gerais da Revolução de 30. Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, defendeu a criação do Correio Aéreo Militar que trouxe benéficos reflexos no adestramento da Aviação Militar e na Integração Nacional. Combateu a Revolução de 32 comandando seus aviadores no Sul de Minas e Vale do Paraíba.

Em 27 nov 1935, como tenente coronel, no comando do 1º Regimento de Aviação no Campo dos Afonso, liderou a reação contra o levante comunista ali ocorrido, o que lhe valeu merecida fama.

Passado este quadro agitado concentrou-se na supervisão do Correio Aéreo Militar.

Passou a integrar o Ministério da Aeronáutica criado em 1941 e onde o alcançou a 2ª Guerra Mundial. Como brigadeiro comandou a 2ª Zona Aérea no Nordeste, com sede no Recife e sobre isto escreveu o INCAER: "O tenente de 1922, agora brigadeiro de 1941, assumiu o comando da 2ª Zona Aérea com jurisdição sobre o mar, no Nordeste, no qual travava-se vigorosa campanha contra submarinos agressores.

É a Aviação de Patrulha, incansável, dia e noite sobre o mar. É a construção de novas bases. É o recebimento de novos aviões e a adaptação de equipagens. É a reciclagem dos pilotos e suas adaptações a novas técnicas de vôo. É o preparo de pessoal subalterno. É a preocupação com o homem, com o atendimento de suas necessidades pessoais e de suas famílias. É a convivência com nossos aliados que combatem lado a lado conosco, em nossas bases sobre o oceano, no esforço de guerra comum", no Saliente Nordestino que foi o Trampolim da Vitória Aliada.

Consultado sobre a possibilidade de cessão do comando de nossas bases aéreas respondeu – seco e altaneiro – NUNCA!

Com a 2ª Zona Aérea acumulava a direção do agora CAN - Correio Aéreo Nacional, fusão do Correio Aéreo Naval, resultado da criação do Ministério da Aeronáutica.

Eduardo Gomes foi Ministro da Aeronáutica em 1954-55 e de 1965-67. Da profícua obra a frente da pasta registra-se: Aquisição dos C-82 Fairchild – os Vagões Voadores; criação da Esquadrilha de Reconhecimento e Ataque; aquisição de aviões C-130 Hércules e Búfalos e aprovados estudos sobre a fabricação do Bandeirante e realização de manobras reais com a participação

da Escola de Comando e Estado - Maior da Aeronáutica, além da criação do Grupo de Suprimento e Manutenção do Galeão.

Eduardo Gomes fez seu último vôo, em 20 set 1960, no Correio Aéreo Nacional, no C-47 2015, quando também deixou o serviço ativo por haver completando idade limite de permanência. Na Reserva jamais olvidou a Aeronáutica e seus problemas.

Em 1975, ao prefaciar a 2ª Edição da **História da Força Aérea**, do Tenente-Brigadeiro Lavenére-Wanderley que o substituiu no patronato do CAN, escreveu a certa altura, num testemunho por seu apreço a História e Tradições da FAB que hoje o INCAER se incumbe de pesquisar, interpretar e divulgar:

"... o livro do "brigadeiro Lavenére – Wanderley recomenda-se à jovem oficialidade da FAB, para que, melhor a conhecendo no passado, mais possa amá-la e respeitá-la, orgulhando-se de serví-la."

Fomos testemunhas na Estação de Passageiros do Aeroporto Militar de Brasília do profundo respeito que a figura do Brigadeiro Eduardo Gomes infundia.

A estação estava lotada de personalidades civis, militares e eclesiásticas. Alguém anunciou a presença do Brigadeiro no recinto. Fez-se profundo silêncio e como um passe de mágica todos se voltaram para a sua venerada figura e o reverenciam com um gesto de cabeça com o mais profundo respeito e carinho. Dava a impressão que adentrara no recinto um santo cívico.

Foi uma cena muda, tocante, do mais profundo respeito e reconhecimento cívico - militar e uma grande reserva moral, que deu ao Brasil e a Aeronáutica o melhor de si. Valeu tê-la assistido e agora a testemunhado.

Eduardo Gomes nasceu em Petrópolis, em 20 set 1896 e faleceu no Rio de Janeiro, em 13 jun1981,aos 84 anos , sem descendentes e como cristão de fé robusta. É seu biógrafo o brigadeiro Deoclécio Lima de Siqueira que foi I Presidente do INCAER, na obra **Caminhada com Eduardo Gomes**, em que demonstra a fidelidade do patrono da Aeronáutica ao lema" Servir, nunca se servir".



PATRONOS DA INTENDENCIA E DA SAÚDE NA AERONÁUTICA

Patrono da Intendência



O tenente brigadeiro intendente **José Epaminondas Aquino Granja** foi consagrado, por Portaria, 909/GM3 de 6 ago 1975, do Ministro da Aeronáutica, patrono do Serviço de Intendência da Aeronáutica, em razão de haver sido o primeiro chefe do seu Serviço de Intendência de "cujo esforço, espírito criativo, dinamismo, habilidade e profundo conhecimento dos regulamentos militares e legislação administrativa, lhe permitiram elaborar os primeiros Regulamento e Regimento Interno do Serviço de Intendência da Aeronáutica", além de haver criado o Depósito de Material Bélico, os reembolsáveis, a Fazenda de Pirassunga, a Granja do Galeão, as lavanderias e a mecanização contábil das Unidades Administrativas, bem como outros destacados serviços a Aeronáutica.

Ingressou como praça voluntária do Exército, em 1 jun 1914. Participou da guerra do Contestado onde o Capitão de Cavalaria Ricardo Kirk sagrou-se como o pioneiro e mártir na América do Sul, no uso do avião em operações militares.

Como Sargento fez o Curso de Oficial Intendente do Exército. Foi declarado Aspirante-a-Oficial de Intendência, em 18 dez 1923. Em 1934 cursou no Rio de Janeiro o Curso de Intendente de Guerra sob a orientação da Missão Militar Francesa (MMF) em nosso Exército. Foi promovido a Major, em 23 jan 1936. De 1937-41 trabalhou como chefe da Intendência da Aviação do Exército. Criado o Ministério da Aeronáutica passou a nele exercer a função de Assistente de Fazenda da Aeronáutica.

Em 1943, como tenente coronel, visitou todos os órgãos de Intendência do Exército dos EUA, onde colheu preciosos ensinamentos.

Em 23 ago 1945 foi criado o Serviço de Intendência da Aeronáutica, para a qual dera o melhor de seu esforço e inteligência.

Exerceu a chefia deste serviço por seis longos e profícuos anos, até setembro de 1951, quando foi transferido para a Reserva.

O brigadeiro Epaminondas nasceu em Leopoldina-PE, em 27 ago 1897 e

faleceu em 4 dez 1975, aos 78 anos, no Rio de Janeiro, no Hospital Central da Aeronáutica.

O Patrono do Serviço de Saúde na Aeronáutica



O major brigadeiro méd **Ângelo Godinho dos Santos** foi consagrado, por Dec. 63.152 de 29 ago 1968, patrono do Serviço de Saúde da Aeronáutica "por sua atuação decisiva e relevante no progressivo desenvolvimento do Serviço de Saúde da Aeronáutica, do qual foi, "na evolução alcançada, o seu primeiro Chefe e Diretor" e mais, por "seu abnegado empenho e devotamento para concretizar pioneiramente a sua estrutura adequada, quando previu, planejou e regulamentou o respectivo funcionamento, inclusive criando, adaptando e aperfeiçoando a quase totalidade dos órgãos especializados, necessários ao Serviço de Saúde da Aeronáutica".

Do estudo das fontes conseguidas e consultadas dele pode ser dito: "Idealista, grande espírito de iniciativa, pragmático, objetivo, espírito de pioneiro, administrador de largo descortínio e profissional de Saúde de sólida cultura", em Medicina Geral e Medicina de Aviação da qual foi um dos mais destacados pioneiros entre nós.

Em 1937, como major médico do Exército, Godinho dos Santos dinamizou o Departamento Médico da Aviação Militar. Aí, aos poucos, liderou o desenvolvimento da nova especialidade — a Medicina de Aviação. Formou especialistas que realizavam exames especializados de Fisiologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Radiologia e Psicologia, em gabinetes dotados do que havia de mais moderno. Realizou, pioneiramente, exames psicotécnicos em massa. Sob sua sábia direção, criado o Ministério da Aeronáutica com aquela estrutura já eficaz de Aviação Militar, ele formou o núcleo do atual Serviço de Saúde da Aeronáutica.

Durante a 2ª Guerra Mundial conseguiu vitória na luta para criar-se o Hospital Central da Aeronáutica, com a desapropriação do Hospital Alemão.

Desenvolveu as atividades para - médicas de Farmácia, Odontologia e Enfermagem na Aeronáutica. Instituiu a enfermagem feminina padrão universitário e pretendia instituir enfermeiras militares.

Segundo José Amaral, colaborador íntimo de Godinho dos Santos, "O idealismo e o pioneirismo dele não foi feito só de sonhos. Foi um idealismo com

os pés fincados no chão".

Com idealismo e material esparso e partindo de uma simples Divisão ou DP-5, da então Diretoria de Pessoal, estruturou um Serviço de Saúde, em sistema, dinâmico e harmônico, que recobria todo o território Nacional, cujo órgão central – a Diretoria de Saúde liderada por ele, Godinho dos Santos, mantinha em funcionamento a vasta estrutura onde não havia solução de continuidade que pudesse por em jogo a missão do Serviço de Saúde da Aeronáutica.

O brigadeiro Godinho dos Santos que foi o primeiro brigadeiro médico da Aeronáutica nasceu na Bahia em 11 mar 1888. Faleceu em 6 abr 1949 na função de Diretor do Serviço de Saúde da Aeronáutica tendo pronunciado ao sentir a aproximação do fim estas palavras de despedida: - "Digam aos colegas que o Diretor morre como homem".

OUTROS PATRONOS DA AERONÁUTICA

O Patrono do Correio Aéreo Nacional



O Tenente Brigadeiro-do-Ar **Nelson Freire Lavenére-Wanderley**, além de assinalado historiador da Força Aérea Brasileira, estudioso de estratégia e piloto militar, foi consagrado, por Lei 7490 de 12 jun 1986, patrono do Correio Aéreo Nacional (CAN) por haver sido o pioneiro desta instituição de assinalados serviços prestados à Integração do Brasil e ao adestramento realista, em navegação, de várias gerações de pilotos militares. Isto ao ser o primeiro piloto a realizar um vôo do CAN, em 12 jun 1931, no K-263 – CurtissFledgLing, do Rio a São Paulo, junto com seu antigo instrutor, Ten Casemiro Montenegro, o hoje patrono da Indústria Aeronáutica Brasileira , por haver fundado o ITA e o CTA .

Lanenére -Wandrley acumulou, de 1950-63, mais de 2000 horas de vôo como piloto de bimotores e quadrimotores do CAN, quando tornou-se conhecedor de suas linhas e da problemática das regiões por elas cobertas.

Ingressou na Cavalaria da Escola Militar do Realengo em 1927. Em 1929 transferiu-se para a Escola de Aviação da mesma Escola, sendo declarado Aspirante em 21 jan 1930. Em 20 nov 1930 recebeu seu diploma de Piloto –

Observador – Metralhador.

Como comandante da Esquadrilha de Treinamento com aviões CurtissFledgLing foi que realizou seu histórico vôo pioneiro no CAN.

Foi o primeiro brasileiro a tirar curso de piloto militar nos EUA, experiência que serviu de base para o resto de sua brilhante carreira de aeronauta.

De retorno foi instrutor - chefe de Aviação no Realengo.

Cursou a ECEME no Andaraí e na Praia Vermelha em 1939-40. Criado o Ministério da Aeronáutica integrou o gabinete de Salgado Filho. Depois foi Chefe de Ensino da Escola de Aeronáutica, quando participou da escolha de Pirassununga para sediar a AFA.

Integrou Comissão Militar Brasileira que partiu para o TO do Mediterrâneo para estudá-lo sob a chefia de seu ex-cmt no Realengo e amigo, GenDiv Mascarenhas de Morais. Lá permaneceu como Oficial - de - Ligação e Observador Militar sendo classificado no QG da Força Aérea do Mediterrâneo como BrasilianLiason Officer. Cursou a Escola de Controladores de Caça da RAF, no Cairo.

Acompanhou o Ministro Salgado Filho no Panamá, em visita ao 1º Grupo de Caça Brasileiro, em final de treinamento e com o qual, nos EUA, ficou apto para missões de combate nos Thunderbolt p-47.

Acompanhou no TO do Mediterrâneo a epopéia do 1º Grupo de Caça – O Senta a Pua, sobre o que escreveu em uma de suas muitas obras sobre o assunto:

"A atuação do 1º Grupo de Caça na Itália é a página mais gloriosa da História da FAB."

Lavenére - Wanderley voou em missões de combate com o 1º Grupo de Caça para compreender seus problemas, embora não tivesse a isto obrigado como oficial de Estado - Maior.

Após, desempenhou importantes e elevadas funções, inclusive a de Ministro da Aeronáutica e Chefe do EMFA. Foi o fundador do CEBRES – Centro de Estudos Estratégicos. Comandou a ECEMAR.

Lavenére-Wanderley nasceu no Rio de Janeiro em 27 out 1907. Faleceu em São Paulo em 30 ago 1985, perdendo a Força Aérea um dos seus mais ilustres integrantes. Confirmou toda a vida o que dele disse seu técnico de instrução francês da MMF, em 1930:

"Aluno de belas qualidades. Calmo e refletido, de caráter muito simpático. Muito bom piloto."

O INCAER ao sintetizá-lo assim se expressou:

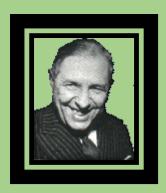
"Na carreira militar – O profissional brilhante, preparado e dedicado, exemplo de comandante e líder.

Na família – Esposo, pai e amigo dotado das virtudes dos homens de bem, exemplo de chefe e companheiro.

Como homem – Homem como os que todos os países civilizados necessitam nos momentos de paz e nos apuros de querra, exemplo de estadista."

Tive a honra de desfrutar de sua amizade e convívio nos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e de Geografia e História Militar do Brasil dos quais foi membro ativo e assíduo.

O Patrono da Aviação Aero-Desportiva Nacional



O jornalista, político, empresário e diplomata **Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello** foi consagrado, por Dec. 58.495 de 11 dez 1985, patrono da Aviação Aero - Desportiva Nacional, por haver intensificado, em 1941, durante a 2ª Guerra Mundial e no ano da criação do Ministério da Aeronáutica, a Campanha Nacional de Aviação. Esta consistente na criação de aeroclubes por todo o Brasil, marco histórico inicial da Aviação Aero - Desportiva e, visando à formação de uma reserva de pilotos, tanto para a Força Aérea, como para a Aviação Civil.

Nesta campanha, em favor da Aeronáutica Brasileira, pretendeu transformar cada município num centro de treinamento civil de pilotos através de semeadura de aeroclubes.

E foi muito feliz nesta cruzada patriótica, pois muitos desses pilotos prestaram, após cursarem os CPOR da Aeronáutica no Galeão, São Paulo e Porto Alegre, serviços ao esforço de guerra na Itália e na vigilância do litoral brasileiro durante a 2ª Guerra Mundial e, sobretudo, à aceleração da Integração Nacional e da Aviação Civil.

Em 1935 Assis Chateaubriand teve ação de boa repercussão na criação do Ministério da Aeronáutica, ao fazer chegar ao Presidente Getúlio Vargas, artigo de 17 fev 1935 em **O Jornal**, de sua propriedade, do capitão de Engenharia Aurélio de Lyra Tavares, que teve grande repercussão e sob o título "Ministério

do Ar" e transcrito por Lavenére - Wanderley em **História da FAB**. Artigo que assim finalizava :"a idéia pois de um órgão central que dirija a evolução técnico e industrial da nossa aviação é oportuna, e a fórmula da criação da do Ministério do Ar deve ser tomada na devida consideração pelos dirigentes dos país".

Artigo escrito sob o pseudômino de Observador Militar, o qual Chateaubriand entregou pessoalmente ao Presidente Vargas que ali mesmo o repassou a Salgado Filho para estudos, concretizados em 1941, com a criação do Ministério da Aeronáutica.

Assis Chateaubriand bacharelou-se em Direito, em 1913, na Faculdade do Recife da qual foi professor de Direito Romano e Filosófica do Direito. No Recife foi editor e redator chefe do **Diário de Pernambuco**. Em 1917 transferiu-se para o Rio onde passou a alternar as atividades de jornalista, com políticas e empresariais.

Foi destacado revolucionário em 1930 e 1932; senador pela Paraíba e Maranhão 1952-55 e 1955-57 e embaixador na Inglaterra 1957-1960. Sua grande obra foi a construção da primeira grande cadeia de Comunicação Social do Brasil — Os Diários Associados. Ele nasceu em Umbuzeiro na Paraíba e faleceu em 4 abr 1968, em São Paulo—SP.

O Patrono da Aviação de Caça



BRIGADEIRO NERO MOURA

Nasceu em Cachoeira do Sul em 30 Jan 1910, onde estudou no Ginásio Rio Branco até transferir-se para o Colégio Militar de Porto Alegre de onde foi para a Escola Militar do Realengo .Ali foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Aviação do Exército, sob orientação da Missão Militar Francesa para a Aviação do Exército ,em 22 nov 1930, logo depois da Revolução de 30, tornando-se então amigo do Presidente Getúlio Vargas.

Combateu a Revolução de 32 no Vale do Paraíba e Sul de Minas a partir da base da Aviação do Exército no atual Campo de Paradas da AMAN. Saga que descrevemos na Revista **A Defesa Nacional** nº 775 Jan/mar 1997. Ali realizou cerca de 60 missões sob o comando do então Major Eduardo Gomes. Foi então que se convenceu da importância de ser piloto aviador.

Com cerca de 1000 horas de vôo em aviões como o Potez e o Newport Delage, foi enviado à França onde cursou a École d'Applicationdel 'Áir em Versailles em

1934-35. Aqui chegado combateu a Intentona Comunista, participando de bombardeios aéreos no 3º Regimento de Infantaria na Praia Vermelha ocupado por comunistas. Implantou em 1930 o primeiro Campo de Tiro Aéreo no local do atual aeroporto de Jacarepaguá como instrutor de Tiro e Bombardeio da Escola Militar.

Comandou em 1938 o 3º Regimento de Aviação em Santa Maria, e o transferiu para Canoas. De lá retornou ao Rio tornando-se piloto de seu amigo o Presidente Vargas.

Ao estourar a 2ª Guerra Mundial em 1939, tornou-se impositiva a criação de Ministério da Aeronáutica, tarefa da qual Nero Moura foi incumbido de opinar junto com colegas aviadores, do que resultou a criação do Ministério da Aeronáutica em 26 Jan 1941, tendo como seu primeiro titular o Dr. Salgado Filho. Nero Moura foi mandado chefiar o embrião do hoje GTE(Grupo Transporte Especial). E ali prestou relevantes serviços.

Criado o 1º Grupo de Aviação de Caça em 18 dez 1943, o Major Nero Moura foi designado para recrutar os seus integrantes destinados a fazer parte da FEB e lutar em conjunto com a Força Aérea dos EUA nos céus da Itália. Escolhidos cerca de 500 homens, o Major Nero Moura foi nomeado em 27 dez 1943 comandante da histórico do 1º Grupo de Caça, consagrado como "Senta pua!", e conhecido pelo código "Jambock" na Itália cuja saga abordamos em A Participação da marinha mercante e das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial (Volta Redonda: Gazetilha, 1995).

E na sua liderança ,como Tenente Coronel ,Nero Moura treinou sua equipe no Paraná, e nos EUA em Thunderbolt P-47. Chegaram no TO da Itália em 14 out 1944, seguindo logo para o Tarquínia, onde em 14 out 1944 o pavilhão nacional foi hasteado. Em sua ordem do Dia referiu entre outras coisas.

"Na História dos povos coube-nos assim a honra de sermos a primeira força aérea sul-americana que cruzou os oceanos e veio alcançar as suas asas sobre os campos de batalhas europeus.

.....Cumpre-nos tudo enfrentar, com fortaleza de ânimo, a fim de manter intacto este tesouro jamais violado: a honra do Soldado brasileiro! E nós o faremos custe o que custar! "

Nero Moura destacou-se como comandante e combatente. Realizou 62 missões de guerra.

Segundo o Major Brigadeiro Rui Moreira Lima em seu livro o Senta Pua:

"Nero Moura liderou sem usar os galões. Comandou com o exemplo, em terra e no ar. Expunha-se ao fogo antiaéreo igualzinho aos seus tenentes. Foi justo e exigente conosco. A indisciplina de vôo nunca foi tolerada. Dava cadeia no duro. Não havia no grupo uma voz que se erguesse contra ele..... "

Em 16 Jul 1945, partindo do Texas, chegou ao Brasil comandando 15 aviões P-

47 doados pelos EUA. E logo a seguir assumiu o comando da Base aérea de Santa Cruz.

Por solidariedade ao Presidente Vargas deposto em 15 out 1945, Nero Moura pediu transferência para a Reserva em 7 dez 1945. Então participou da direção da Aerovias Brasil e do Loyd Aéreo Nacional.

Coma eleição de Getúlio Vargas em 1954 o Coronel Nero Moura torna-se o 3º Ministro da Aeronáutica aos 41 anos. Brigadeiro - do - Ar na reserva em 25 ago 1951.

Marcaram sua gestão a criação do Centro de Instituição Militar do Campo dos Afonsos, Criação do COMTA, criação da Esquadrilha da Fumaça em 1952, introdução da Aviação a jato no Brasil ,ao equipar a FAB com caças Closter - Meteor, criação das primeiras instalações de Busca e Salvamento e de Reconhecimento e Patrulha, início da construção do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre e transformação do Galeão, no 1º aeroporto internacional do Brasil. No Campo de Paradas na AMAN de onde Nero Moura partiu em vôo para o combate a Revolução de 32, existe como monumento a carcaça de um Closter - Meteor . Em agosto 1954 pediu demissão do cargo de Ministro e mais uma vez em solidariedade ao Presidente Getúlio Vargas.

E continuou o líder dos veteranos do **Senta a Pua**, que se reuniam em sua casa nos dias 22 de abril e 6 de outubro conforme abordamos no citado **A Participação ...das FFAA do Brasil na 2ª GM**.O dia 22 de abril foi transformado no Dia da Aviação de Caça.

Em 22 abril 1986 Nero Moura foi proclamado Patrono Vivo da Aviação de Caça . Veio a falecer em 17 dez 1994, aos 84 anos, sendo consagrado em 17 jan 1995, oficialmente como Patrono da Aviação de Caça do Brasil. Um ato de justiça na voz de História de aviação do Brasil.

Nero Moura foi voluntário para defender a Democracia e a Liberdade Mundial nos céus da Itália. Selecionou, adestrou e liderou na guerra e depois na paz, até falecer os seus bravos de "Senta Pua". Hoje se constitui num ícone cívico a inspirar os bravos integrantes de Aviação de Caça do Brasil.

O Patrono da Indústria Aeronáutica Brasileira



O Mar-do-Ar **Casemiro Montenegro Filho** foi considerado Patrono da Indústria Aeronáutica Brasileira por haver fundado no início da década de 50 o atual Instituto Tecnológico da Aeronáutica(ITA) e o Centro Técnico Espacial(CTE) e no início dos anos 80 haver criado no ITA o curso de Engenharia de Computação.

O Marechal nasceu em Fortaleza em 28 out 1904. Lá viveu as emoções das

aventuras aeronáuticas de seu co - estaduano Pinto Martins ,hoje consagrado no aeroporto local . cuja saga lhe despertou o desejo de ser piloto .Foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Aviação do Exército em 1º jan 1929 pela Escola Militar do Realengo, onde ficou como instrutor inclusive de Lavenére Wanderley, tendo aprendido a voar num Spad Vernon francês com Haroldo Borges Leitão; grande piloto militar. Em 12 jun 1931 junto com o citado Tenente Nelson Freire Lavenére, Wanderley realizou o 1º vôo de Correio Aéreo Nacional(CAN) Rio - São Paulo, conforme abordamos em "Campo dos Afonsos - O ninho das velhas águias pioneiras e Santuário da Aeronáutica Militar do Brasil em **Escolas de Formação de Oficias das FFAA do Brasil**. Rio de Janeiro :FHE-POUPEX,1987. Participou da Revolução de 30 em Minas e, em 32 em São Paulo ,ficou preso pelos dos revolucionários.

Foi comandante de 1931-38 do hoje IV Comando Aéreo Regional (IV COMAR)no Campo de Marte em São Paulo. Então tomou contato e gosto pela Indústria Aeronáutica ao supervisionar e a acompanhar todas as fases da construção do famoso EAY-201 Ypiranga, o Pai do Paulistinha, como o seu protótipo .EAY-1 que foi a 1a aeronave de fabricação nacional inscrita no Registro Aeronáutico Nacional e fabricado no Campo de Marte em São Paulo pela Empresa Aeronáutica Ypiranga, a qual, entre seus sócios, contava com Henrique Santos - Dumont ,sobrinho do Pai da Aviação e Patrono da Aeronáutica do Brasil - Alberto Santos - Dumont. O EAY-201 surgiu oficialmente em 11 set 1935 .Depois de voar 1330 horas e 40 minutos ,até 4 mar 1963 e por 27 anos, prestou seus últimos serviços em São Leopoldo e Camaquã, no Rio Grande dos Sul de onde foi recolhido, ainda voando bem ao Museu da Aeronáutica da Fundação Santos -Dumont aonde deve se encontrar. Este avião que o então Capitão Casemiro acompanhou todas as fases de sua construção ,repetimos, foi o protótipo dos famosos aviões paulistinhas dos quais foram produzidos centenas que ajudaram a alavancar o grande desenvolvimento das atividades Aeronáuticas entre nós ,e cuja saga e contribuições a integração do Brasil estão a merecer um historiador ou uma equipe deles. .

O Marechal Casemiro Formou-se em Engenharia Aeronáutica no Instituto Militar de Engenharia (IME) do Exército em 1941. Criado o Ministério da Aeronáutica assumiu a Direção da Subdiretoria Técnica Aeronáutica até 1947. Logo em seguida veio a dotar o Brasil com o ITA auxiliado por técnicos dos EUA, criando a seguir o CTA.

Em 1951 assumiu a Diretoria de Material e Aeronáutica com a qual apoiou o esforço de guerra da Aeronáutica no Brasil conforme abordamos em A Participação da Marinha Mercante e da das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial (Volta Redonda:Gazetilha,1995) .Em 1952 foi mandado estudar um plano de Equipamento e Desenvolvimento da Aeronáutica, ocasião em que viajou à Holanda para informar-se da proposta da FOKKER em construir aviões no Brasil.

Em 1954 assumiu a direção do CTA até 1965, o dirigindo por cerca de 7 anos descontínuos .Em 22 out 1992 ,no 24 o aniversário do 1 o protótipo do

Bandeirante e aos 90 anos o Marechal Casemiro visitou a EMBRAER.

Ele faleceu na Beneficiência Portuguesa de Petropolis aos 96 anos em 26 fev2.000.Foi sepultado no Cemitério São João Batista no Rio com Honras de Ministro de Estado

Ao se empenhar - se a fundação do do ITA e do CTA o Marechal Casemiro propagava :

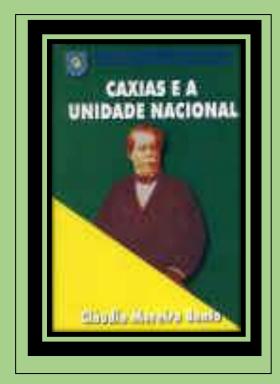
"Que se o Brasil investisse maciçamente em educação e em pesquisas científicas ,em pouco tempo se tornaria um dos grandes fornecedores de aeronaves do Mundo ." E mais :

"O que engrandece uma nação é o conhecimento que no caso do Brasil deve sempre ser buscado por instituições como o ITA,IME (onde se formou) e as Universidades do Brasil "

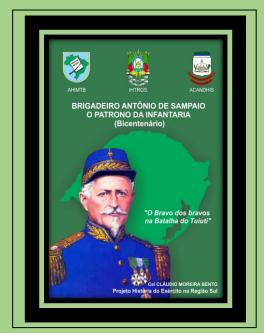
Em entrevista a à Revista **Aeronáutica** n o 136 1986 ,perguntado que conselho poderia dar a geração que estuda no ITA .Respondeu:

"Estudar .E que procurem desenvolver cada vez mais sua capacidade .E que o ITA se mantenha sempre em nível e que possa continuar competindo com as escolas superiores similares dos países mais desenvolvidos ."

Livros do autor sobre Patronos



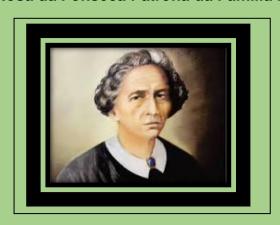






Atualização do presente trabalho com mais uma patrona declarada depois do presente trabalho ser realizado

Dona Rosa da Fonseca Patrona da Familia Militar



Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu na cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, em 1802, casada com o major do Exército Manoel Mendes da Fonseca. Tinha no sangue a ascendência judaica, negra e indígena. Rosa da Fonseca teve 10 filhos, duas mulheres, Emília e Amélia, e oito homens, todos militares. Ao eclodir a Guerra do Paraguai todos seguiram para o campo de batalha, restando com ela Pedro Paulino, tenente reformado do Exército e futuro governador de Alagoas.

Em Curuzu, tombou o primeiro de seus filhos, o alferes Afonso Aurélio, aos 21 anos de idade. Na sangrenta batalha de Curupaity perde outro filho, o capitão de infantaria Hyppólito. Na célebre batalha de Itororó cai o major de infantaria Eduardo Emiliano e são gravemente feridos dois outros filhos, Hermes e Deodoro, este com três balas de fuzil. Ao receber a comunicação da morte do terceiro filho, teria dito: "Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles". Festejava a vitória das armas brasileiras em Itororó.

Três filhos mortos em combate. Dos sete que retornaram, Deodoro tornou-se Proclamador da República e primeiro presidente do Brasil. O General de Brigada João Severiano, médico, foi escolhido patrono do Serviço de Saúde do Exército. Finalmente, o Exército instituiu o 18 de setembro, data natalícia de Dona Rosa da Fonseca, a Matriarca Exemplar, o dia da Família Militar, e Dona Rosa, Patrona da Família Militar Brasileira.

CURRÍCULO CULTURALSINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canqueu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exercito do Estado - Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exercito escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da História do Exercito perfil Militar de um Povo. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, alem de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, alem de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, do quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exercito, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exercito, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exercito 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil

e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviario Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canqueuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembléias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exercito nas ESG,ECEME,IME, EsAO,AMAN ,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, . Porto Alegre e no NPOR de Pelotas ,e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro Duque de Caxias - o Patrono do Exército e a Unidade Nacional, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independênci. Este ano complementara 91 anos de idade .Se Deus guizer!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão! Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757